



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2023/24
5º LEVANTAMENTO

FEVEREIRO 2024

**VOLUME 11
NÚMERO**

5

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA)

Luiz Paulo Teixeira Ferreira

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

João Edegar Pretto

Diretor-Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Lenildo Dias de Moraes

Diretora-Executiva Administrativa, Financeira e de Fiscalização (Diafi)

Rosa Neide Sandes de Almeida

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Thiago José dos Santos

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sílvio Isoppo Porto

Superintendente de Informações da Agropecuária (Suinf)

Aroldo Antonio de Oliveira Neto

Gerente de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerente de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira
Coughlan Hilter Sampaio Cardoso
Eledon Pereira de Oliveira
Janaína Maia de Almeida
Juarez Batista de Oliveira
Juliana Pacheco de Almeida
Luciana Gomes da Silva
Marco Antônio Garcia Martins Chaves
Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe técnica da Geote

Amir Haddad
Candice Mello Romero Santos
Eunice Costa Gontijo
Fernando Arthur Santos Lima
Gabriel Da Costa Farias
Lucas Barbosa Fernandes
Rafaela dos Santos Souza
Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Colaboradores

Adonis Boeckmann e Silva (Gerpa – algodão), Danielle Barros Ferreira (Inmet), Flávia Machado Starling Soares (Gerpa – trigo), João Figueiredo Ruas (Gefab – feijão), Leonardo Amazonas (Gerpa – soja), Séfora Silvério (Suinf), Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gerpa – arroz), Rafael Rodrigues Fogaça (Geinf).

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe, Tocantins.

Colaboradores das superintendências

André Araújo (AC); Antônio de Araújo Lima Filho, Lourival Barbosa de Magalhães, Adriano Jorge Nunes dos Santos e Ilo Aranha Fonseca (AL); Érica Alfaia Marialva, Glenda Patrícia de Oliveira Queiroz (AM); Ednabel Caracas Lima, Francisco dos Reis Lopes Neto, Joctã Lima do Couto e Marcelo Ribeiro e Orfrezino Pereira Ramos (BA); Fábio Barbosa Ferraz, José Iranildo da Silva Araújo, Lindeberg da Silva Magalhães e Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros e Neodir Luiz Talini (DF); Gerson Menezes de Magalhães, Lucas Cortes Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Fernandes Lima, Rogério César Barbosa, Sírío José da Silva Júnior e Zirvaldo Zenid Virgolino (GO); Airton Santos de Azevedo, Fernanda Karollyne Saboia do Nascimento Humberto Menezes Souza Filho, Margareth de Cássia Oliveira Aquino e Rogério Prazeres (MA); Benancil Martins Filho, Gabriel Pedrozo Heise, Ismael Cavalcante Maciel Junior, Jorge Luis Cunha, Rodrigo Martinelli Slomoszynski, Raul Pio de Azevedo e Rogério de Souza Silva (MT); Getúlio Moreno, Mário Adriano Silva Moreira, Marcelo de Oliveira Calisto e Edson Yui (MS); Alessandro Lúcio Marques, Benedito Castro de Sousa, Flávio José Goulart, Gabriel Moraes Costa, Hélio Maurício Rezende, Márcio Carlos Magno, Matheus Carneiro de Souza, Pedro Pinheiro Soares, Samuel Valente Ferreira e Warlen Maldonado (MG); Alexandre Augusto Pantoja Cidon, Renato Martins da Silva e Sérgio Alberto Queiroz Costa (PA); Ana Paula Alves Cordeiro, Arthur Ramon de Andrade Rodrigues, Bruno Eduardo Dias Oliveira e Matheus Rodrigues de Sousa (PB); Adilson Valnier, Allan Vinícius Pinheiro Salgado, Charles Erig Daniela Furtado de Freitas, Itamar Pires de Lima Júnior e Jefferson Raspante (PR); Clarissa de Albuquerque Gomes, Herivelton Marcullino da Silva, Rafael Silva de Lima, Rinaldo de Souza e Thiago Nery da Cunha (PE); Antônio Cleiton da Silva, Bábiton Leone de Oliveira Herculano, Simone do Nascimento Luz, Thiago Pires de Lima Miranda e Valmir Barbosa de Sousa (PI); Fernando Henrique Vidal Lage, Lirida Bezerra e Rafael Vagner Machado (RN); Alexandre Rocha Pinto, Carlos Roberto Bestetti, Iure Rabassa Martins, Luciana Dall’Agnese, Márcio Renan Weber Schorr, Matias José Führ (RS); João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro e Raimundo Junil Marques Ribeiro (RO); César Augusto Rubin, Júlio César de Oliveira, Ricardo Agostini Paschoal, Vilmar Barboza Dutra e Wagner Fernandes de Aquino (SC); Cláudio Lobo, Elias Tadeu, Marisete Belloli e Rubens Praude (SP); Flaviano Gomes dos Santos, José Bomfim Oliveira Santos Júnior e José de Almeida Lima Neto (SE); Felipe Thomaz de Souza Carvalho, Bruno Milhomem e Jorge Antônio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Emater-CE); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater/RN); Secretária de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronomico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Efaeb); Bonco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (SAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater/GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater/DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater/MG) , Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do rio de Janeiro (Emater/RJ) ; Coordenadoria de Desenvolvimento Rural e Sustentável (Cati-SP); Instituto de Economia Agrícola (IEA-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PRO); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater/RS) e Instituto Rio-Grandense do arroz (Irga).



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2023/24
5º LEVANTAMENTO

Copyright © 2023– Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Guilherme dos Reis Rodrigues e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Capa: Acervo Conab

Normalização

Márcio Canella Cavalcante - CRB 1/2221

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 11, safra 2023/24, n. 5 quinto levantamento, fevereiro 2024.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

9	RESUMO EXECUTIVO
15	INTRODUÇÃO
18	ANÁLISE CLIMÁTICA
25	ANÁLISE DAS CULTURAS
25	ALGODÃO
35	ARROZ
46	FEIJÃO
69	MILHO
90	SOJA
110	TRIGO
113	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO
122	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO



RESUMO EXECUTIVO

A quinta estimativa, para a safra 2023/24, indica um volume de produção de 299,8 milhões de toneladas, 6,3% ou 20,1 milhões de toneladas abaixo do obtido em 2022/23.

Comparativamente à previsão anterior, divulgada no início de janeiro último, observa-se uma redução de 2,2%, correspondendo a 6,6 milhões de toneladas.

Nesta safra, 2023/24, o comportamento climático nas principais regiões produtoras, sobretudo para soja e milho primeira safra, afetou negativamente as lavouras, desde o plantio.

Para a soja, principal cultura semeada no período, o atraso do início das chuvas e seguido por chuvas irregulares e mal distribuídas e com registros de períodos de veranicos superiores a 20 dias e acompanhado por altas temperaturas, resultou em quebras na produtividade. As maiores perdas são observadas nos plantios de soja precoce e nas áreas dos primeiros plantios realizados entre setembro e meados de outubro.

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

A colheita, já iniciada, com 28,9% concluída, na data citada. A segunda safra teve a semeadura iniciada, especialmente na Região Sul, porém o cenário geral é de atraso em razão da postergação da colheita da primeira safra, ocasionado pelas condições climáticas adversas.

abortamento floral, ocasionado por chuvas mal distribuídas, temperaturas excessivas são alguns dos fatores que contribuíram para a redução da produtividade, em relação ao levantamento passado. Neste levantamento, as estimativas de perdas foram atualizadas, com destaque, além do Centro-Oeste, para o Paraná e São Paulo, onde as altas temperaturas e a redução drástica das chuvas ocorridas após a segunda quinzena de dezembro, afetaram as lavouras que se encontravam em florescimento e enchimento de grãos, com impactos negativos expressivos na produtividade desta cultura.

TABELA 1 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR PRODUTO

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2022/23 e 2023/24					
	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	1.663,7	1.877,1	12,8	2.721	2.500	(8,1)	4.526,7	4.692,0	3,7
ALGODÃO - PLUMA	1.663,7	1.877,1	12,8	1.907	1.752	(8,2)	3.173,3	3.288,1	3,6
AMENDOIM TOTAL	220,9	254,1	15,0	4.041	3.648	(9,7)	892,8	927,1	3,8
Amendoim 1ª Safra	213,8	247,0	15,5	4.120	3.706	(10,0)	880,9	915,4	3,9
Amendoim 2ª Safra	7,1	7,1	-	1.669	1.640	(1,7)	11,9	11,7	(1,7)
ARROZ	1.479,6	1.575,0	6,4	6.780	6.852	1,1	10.031,8	10.791,0	7,6
Arroz sequeiro	303,5	320,3	5,5	2.557	2.469	(3,4)	775,9	790,7	1,9
Arroz irrigado	1.176,1	1.254,7	6,7	7.870	7.970	1,3	9.255,9	10.000,3	8,0
FEIJÃO TOTAL	2.699,5	2.767,5	2,5	1.125	1.074	(4,5)	3.036,6	2.973,1	(2,1)
FEIJÃO 1ª SAFRA	857,3	850,5	(0,8)	1.116	1.034	(7,3)	956,6	879,5	(8,1)
Cores	344,6	343,5	(0,3)	1.699	1.611	(5,1)	585,4	553,6	(5,4)
Preto	133,4	123,9	(7,1)	1.646	1.301	(21,0)	219,6	161,3	(26,5)
Caupi	379,3	383,1	1,0	400	430	7,5	151,7	164,6	8,5
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.326,2	1.366,8	3,1	962	946	(1,7)	1.275,8	1.292,8	1,3
Cores	351,2	359,0	2,2	1.644	1.506	(8,4)	577,5	540,9	(6,3)
Preto	202,4	209,5	3,5	1.642	1.602	(2,4)	332,3	335,5	1,0
Caupi	772,6	798,3	3,3	474	522	10,1	365,9	416,4	13,8
FEIJÃO 3ª SAFRA	516,0	550,2	6,6	1.559	1.456	(6,6)	804,4	801,1	(0,4)
Cores	443,6	463,8	4,6	1.697	1.614	(4,9)	752,7	748,3	(0,6)
Preto	14,4	19,4	34,7	1.015	745	(26,6)	14,6	14,5	(0,7)
Caupi	58,0	67,0	15,5	638	571	(10,6)	37,0	38,2	3,2
GERGELIM	361,2	361,2	-	482	482	-	174,2	174,2	-
GIRASSOL	56,1	55,7	(0,7)	1.520	1.477	(2,8)	85,2	82,3	(3,4)
MAMONA	51,2	56,6	10,5	1.787	1.648	(7,8)	91,5	93,3	2,0
MILHO TOTAL	22.269,2	20.444,2	(8,2)	5.923	5.561	(6,1)	131.892,6	113.696,2	(13,8)
Milho 1ª Safra	4.444,0	3.931,9	(11,5)	6.160	6.004	(2,5)	27.373,2	23.607,0	(13,8)
Milho 2ª Safra	17.192,7	15.879,8	(7,6)	5.954	5.548	(6,8)	102.365,1	88.098,5	(13,9)
Milho 3ª Safra	632,5	632,5	-	3.406	3.148	(7,6)	2.154,4	1.990,9	(7,6)
SOJA	44.080,1	45.088,6	2,3	3.507	3.314	(5,5)	154.609,5	149.403,7	(3,4)
SORGO	1.417,6	1.580,8	11,5	3.378	3.060	(9,4)	4.788,7	4.836,4	1,0
SUBTOTAL	74.299,1	74.060,8	(0,3)	4.174	3.884	(6,9)	310.129,6	287.669,3	(7,2)
Culturas de inverno	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	2023	2024	VAR. %	2023	2024	VAR. %	2023	2024	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
AVEIA	520,1	520,1	-	1.892	2.220	17,3	984,1	1.154,5	17,3
CANOLA	92,1	92,1	-	1.591	1.464	(8,0)	146,5	134,8	(8,0)
CENTEIO	4,5	4,5	-	1.644	2.156	31,1	7,4	9,7	31,1
CEVADA	134,5	134,5	-	2.907	3.823	31,5	391,0	514,2	31,5
TRIGO	3.473,4	3.477,0	0,1	2.331	2.934	25,9	8.096,8	10.199,8	26,0
TRITICALE	22,9	22,9	-	2.454	2.996	22,1	56,2	68,6	22,1
SUBTOTAL	4.247,5	4.251,1	0,1	2.279	2.842	24,7	9.682,0	12.081,6	24,8
BRASIL (2)	78.546,6	78.311,9	(0,3)	4.072	3.828	(6,0)	319.811,6	299.750,9	(6,3)

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2024.

TABELA 2 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados*						Safras 2022/23 e 2023/24		
Região/UF	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4.791,3	4.919,2	2,7	3.500	3.300	(5,7)	16.767,9	16.231,7	(3,2)
RR	146,7	165,9	13,1	3.389	3.465	2,2	497,1	574,8	15,6
RO	947,8	934,5	(1,4)	3.965	3.792	(4,3)	3.757,6	3.543,9	(5,7)
AC	63,9	64,0	0,2	3.003	2.892	(3,7)	191,9	185,1	(3,5)
AM	19,8	22,5	13,6	2.783	2.778	(0,2)	55,1	62,5	13,4
AP	12,4	12,6	1,6	1.968	1.913	(2,8)	24,4	24,1	(1,2)
PA	1.587,4	1.609,9	1,4	2.916	2.905	(0,4)	4.628,9	4.676,6	1,0
TO	2.013,3	2.109,8	4,8	3.781	3.396	(10,2)	7.612,9	7.164,7	(5,9)
NORDESTE	9.528,5	9.624,7	1,0	3.114	2.813	(9,7)	29.673,0	27.078,2	(8,7)
MA	1.900,0	1.906,1	0,3	3.875	3.603	(7,0)	7.361,8	6.867,9	(6,7)
PI	1.925,6	1.948,5	1,2	3.531	3.339	(5,5)	6.799,7	6.505,4	(4,3)
CE	954,4	971,9	1,8	488	725	48,6	465,4	704,5	51,4
RN	99,0	96,9	(2,1)	566	541	(4,4)	56,0	52,4	(6,4)
PB	219,3	226,5	3,3	696	551	(20,8)	152,6	124,8	(18,2)
PE	387,0	411,7	6,4	773	564	(27,1)	299,2	232,0	(22,5)
AL	96,7	99,6	3,0	2.041	1.461	(28,4)	197,4	145,5	(26,3)
SE	189,2	191,2	1,1	4.963	5.132	3,4	939,0	981,2	4,5
BA	3.757,3	3.772,3	0,4	3.567	3.039	(14,8)	13.401,9	11.464,5	(14,5)
CENTRO-OESTE	34.812,1	34.342,2	(1,3)	4.667	4.086	(12,4)	162.468,4	140.334,7	(13,6)
MT	21.210,6	20.816,2	(1,9)	4.761	4.154	(12,8)	100.980,2	86.464,9	(14,4)
MS	6.320,4	6.413,0	1,5	4.438	3.918	(11,7)	28.050,4	25.129,1	(10,4)
GO	7.102,6	6.933,6	(2,4)	4.593	4.031	(12,2)	32.619,1	27.946,3	(14,3)
DF	178,5	179,4	0,5	4.587	4.428	(3,5)	818,7	794,4	(3,0)
SUDESTE	6.987,2	6.946,3	(0,6)	4.328	3.916	(9,5)	30.238,4	27.204,0	(10,0)
MG	4.342,9	4.304,7	(0,9)	4.306	3.922	(8,9)	18.702,4	16.884,9	(9,7)
ES	24,3	23,2	(4,5)	2.477	2.207	(10,9)	60,2	51,2	(15,0)
RJ	3,2	3,2	-	3.313	3.344	0,9	10,6	10,7	0,9
SP	2.616,8	2.615,2	(0,1)	4.381	3.922	(10,5)	11.465,2	10.257,2	(10,5)
SUL	22.427,5	22.479,5	0,2	3.597	3.955	10,0	80.663,9	88.902,3	10,2
PR	10.744,9	10.570,2	(1,6)	4.285	3.880	(9,4)	46.037,2	41.010,1	(10,9)
SC	1.383,9	1.432,0	3,5	5.091	4.934	(3,1)	7.045,7	7.066,1	0,3
RS	10.298,7	10.477,3	1,7	2.678	3.897	45,5	27.581,0	40.826,1	48,0
NORTE/NORDESTE	14.319,8	14.543,9	1,6	3.243	2.978	(8,2)	46.440,9	43.309,9	(6,7)
CENTRO-SUL	64.226,8	63.768,0	(0,7)	4.256	4.021	(5,5)	273.370,7	256.441,0	(6,2)
BRASIL	78.546,6	78.311,9	(0,3)	4.072	3.828	(6,0)	319.811,6	299.750,9	(6,3)

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2024.



INTRODUÇÃO

Neste quinto boletim de acompanhamento da safra brasileira de grãos 2023/24, a Conab atualiza as informações das lavouras já implementadas e apresenta as primeiras estimativas, para a safra 2024, das culturas de inverno, geradas por modelagem estatística, previsões climáticas, pacotes tecnológicos e época de cultivo.

Com o início da semeadura da segunda safra, as estimativas de área passam a ser atualizadas com informações de campo, que seguem a tendência já demonstrada pelos modelos estatísticos.

As estimativas refletem a expectativa de produção no mês anterior à publicação do boletim, levando em consideração as condições climáticas acontecidas e esperadas até o final do cultivo. Assim, há a possibilidade de alteração nos números em caso de condições climáticas adversas ou excepcionalmente favoráveis.

Como parte da metodologia, os dados de produtividade, por cultura e por Unidade da Federação, são inicialmente estimados com o auxílio de modelos estatísticos em relação ao histórico de produtividades. Os modelos permitem segurança nas previsões, levando em consideração os cenários favoráveis e

desfavoráveis às culturas. Os dados gerados são analisados para todas as culturas em todos os estados, considerando as informações climáticas e os pacotes tecnológicos modais de cada estado, também levantados pela Conab. Ao todo, são analisados mais de 540 dados de área e produtividade. Para as culturas que já avançam no seu ciclo e possuem informações mais consolidadas de campo, iniciam-se as revisões dos números iniciais, e os dados são ponderados de acordo com as condições apresentadas em cada região dos estados.

As análises são feitas a partir das condições meteorológicas, sobretudo chuva e temperatura, observadas ao longo do ciclo da cultura, a partir das interpretações de imagens e dados obtidos por satélite, principalmente a análise evolutiva e comparativa do Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI) e a partir de investigações de campo, tanto subjetivas, contando com a colaboração da nossa rede de agentes colaboradores, por meio da aplicação de questionários, mensalmente, e coletadas mais de 4.000 informações em todo o Brasil, quanto objetivas, com investigação direto nas lavouras dos fatores de produtividade, além do auxílio de mapeamento das áreas.

Mensalmente, os dados de área, produtividade e produção, são atualizados. A estimativa da produção leva em consideração as condições climáticas pontuais, observadas no período de levantamento, assim como os prognósticos para até o final do cultivo.

Nas análises estaduais, são destacados os eventos mais relevantes ocorridos, como início de semeadura, eventos climáticos severos, situação de manejo ou inserção de novas culturas no estado.

A Conab realiza o levantamento da safra brasileira de grãos desde a

temporada 1976/77. A constante busca pela qualificação dos dados é exemplificada pela sofisticação dos métodos utilizados pela Conab, para a obtenção dos dados da safra, sobretudo os ligados ao georreferenciamento e à modelagem estatística, incrementando as informações obtidas subjetivamente, que trazem tempestividade aos dados.

As informações deste boletim devem ser correlacionadas aos dados numéricos publicados em nossa planilha de safra, disponível para download em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos/boletim-da-safra-de-graos>.

Recomendamos a leitura do Boletim de Monitoramento Agrícola, publicado regularmente em <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos/monitoramento-agricola> e e do Progreso de Safra, disponível em <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/progreso-de-safra> para acompanhamento sistemático da safra brasileira de grãos.

Boa leitura!



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE JANEIRO

Em janeiro de 2024, foram observados acumulados de chuva acima de 150 mm em grande parte do país, principalmente na costa das Regiões Sul e Sudeste, bem como em parte do Matopiba, contribuindo para a manutenção da umidade do solo nessas áreas. Já no centro-leste da Região Nordeste e norte de Roraima, menores acumulados de chuvas foram observados, mantendo os níveis de umidade do solo ainda baixos.

Em grande parte da Região Norte, os volumes de chuva foram superiores a 150 mm, principalmente no sul da região amazônica, mantendo a umidade do solo elevada. Em áreas do noroeste do Pará, os volumes de chuva ficaram acima de 100 mm e foram suficientes para elevar o armazenamento de água no solo em relação ao mês anterior. Entretanto, no norte de Roraima, os níveis de umidade no solo ainda continuam baixos.

Já na Região Nordeste, os maiores volumes de chuva foram observados em áreas da Bahia, Piauí e Maranhão, com valores superiores a 200 mm, contribuindo para a manutenção da umidade no solo e o desenvolvimento

¹ Danielle Barros Ferreira – Meteorologista do Inmet - Brasília.

das lavouras. Nas demais áreas, os acumulados de chuva foram inferiores a 100 mm.

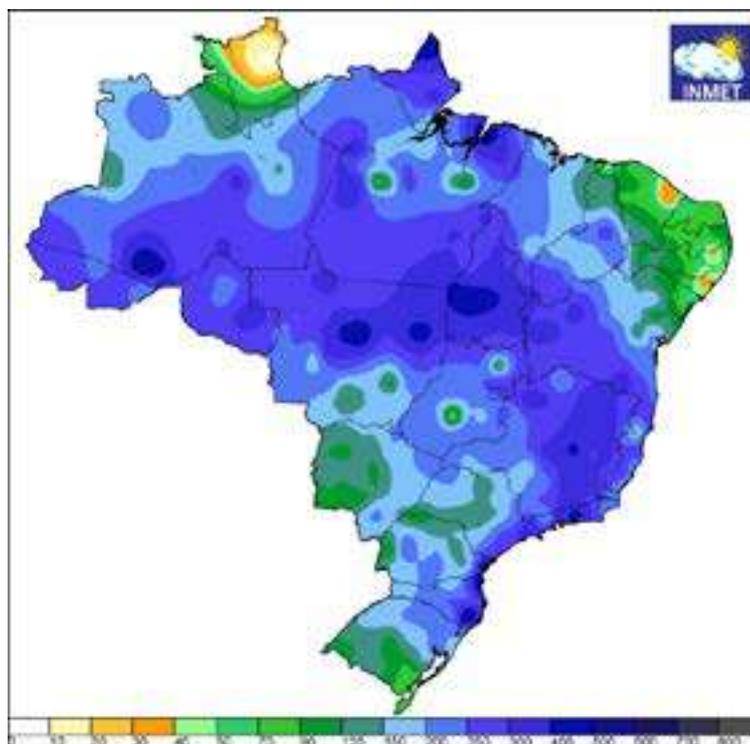
Na maior parte da Região Centro-Oeste, as chuvas mais regulares contribuíram para a elevação dos níveis de umidade no solo, principalmente em áreas do nordeste do Mato Grosso, norte de Goiás e Distrito Federal, onde os volumes de chuva superaram 250 mm, favorecendo o desenvolvimento dos cultivos de primeira safra.

Em grande parte da Região Sudeste, foram observados acumulados de chuva acima de 200 mm, exceto no centro-oeste de São Paulo, onde os valores foram menores. Ressalta-se que as chuvas sobre o norte de Minas Gerais e Espírito Santo foram suficientes para elevar os níveis de água no solo em relação ao mês anterior. No geral, as condições seguem favoráveis para os cultivos de primeira safra em praticamente toda região.

Na Região Sul, os volumes de chuva foram inferiores a 150 mm no norte do Paraná e centro-sul do Rio Grande do Sul. Nas demais áreas, os volumes de chuva foram mais elevados, principalmente no leste da região, onde os acumulados de chuva em janeiro superaram os 250 mm. Em geral, os níveis de água no solo permaneceram elevados em boa parte da região, e as condições meteorológicas foram favoráveis para o desenvolvimento dos cultivos de primeira safra, além da semeadura e colheita de parte das lavouras.

Em janeiro, as temperaturas médias foram superiores a 26 °C nas Regiões Norte e Nordeste, bem como no oeste da Região Centro-Oeste. Nas demais áreas, permaneceram entre 24 °C e 26 °C, com exceção do sul de Minas Gerais, Distrito Federal, leste de São Paulo e centro-leste da Região Sul, onde as temperaturas foram inferiores a 24 °C. Já em áreas de maior altitude das Regiões Sudeste e Sul, as temperaturas médias foram inferiores a 20 °C.

FIGURA 1 - ACUMULADO DA PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA EM JANEIRO DE 2024

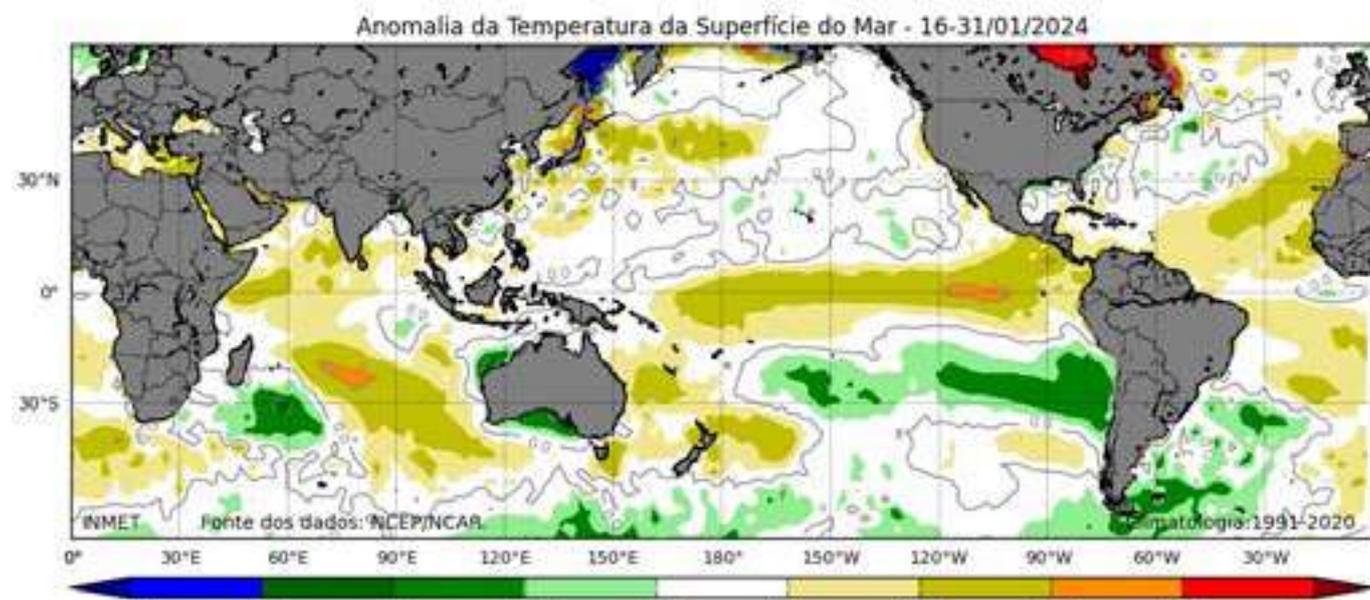


Fonte: Inmet.

1.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

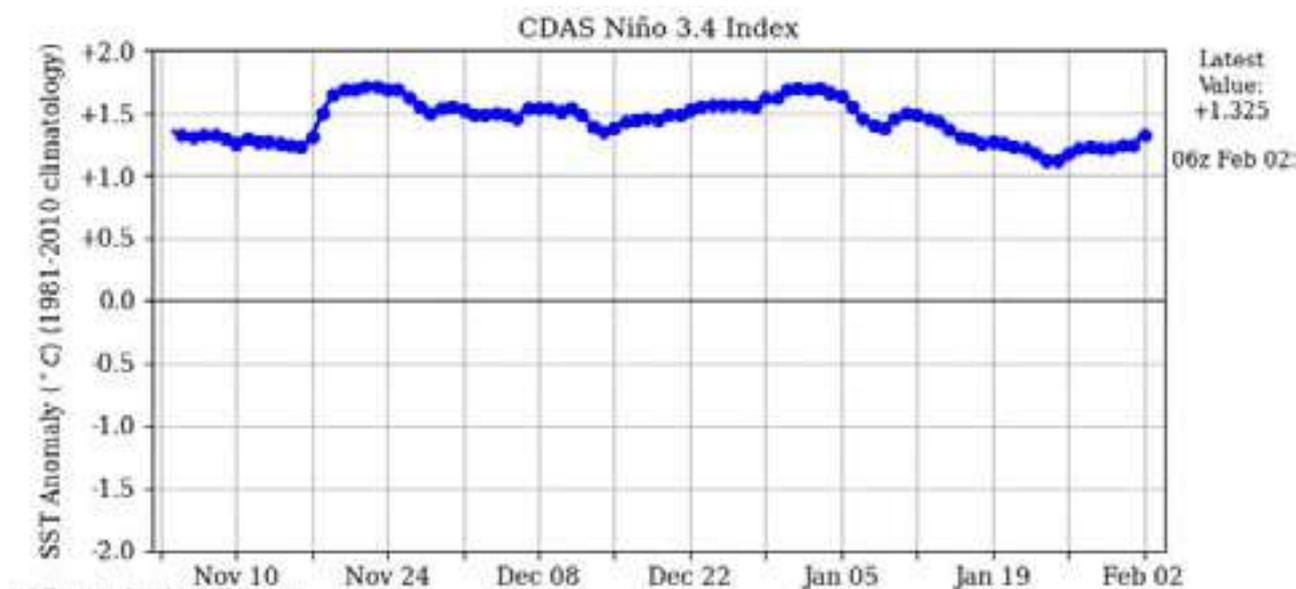
Na figura abaixo é mostrada a anomalia de Temperatura da Superfície do Mar (TSM) entre os dias 16 e 31 de janeiro de 2024. Na parte centro-leste do Pacífico Equatorial, foram observadas as maiores anomalias, com valores superiores a $+2\text{ }^{\circ}\text{C}$, entre 120°W e 90°W , indicando a persistência de aquecimento das águas na região. Considerando a região do Niño 3.4 (área entre 170°W e 120°W), as anomalias médias positivas de TSM têm apresentado um ligeiro decréscimo, mas ainda permanecem entre $+1\text{ }^{\circ}\text{C}$ e $+1,5$, principalmente a partir do segundo decêndio de janeiro, indicando a continuidade do fenômeno El Niño de intensidade forte.

FIGURA 2 – MAPA DE ANOMALIAS DE TSM NO PERÍODO DE 16 A 31 DE JANEIRO DE 2024



Fonte: NCEP/NCAR.

GRÁFICO 1 – MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4

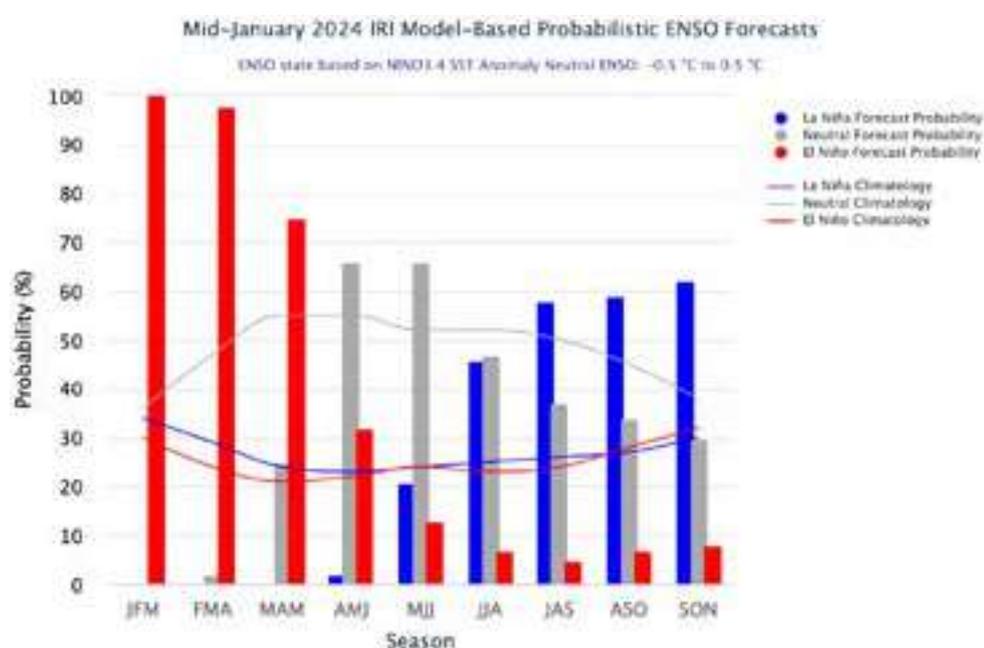


Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

A análise do modelo de previsão do ENOS (El Niño - Oscilação Sul), realizada pelo Instituto Internacional de Pesquisa em Clima (IRI), aponta, com probabilidade acima de 90%, que as condições de El Niño (fase quente) se

manterão até o final do verão 2023/24. Quanto à intensidade do fenômeno, a maioria dos modelos climáticos indica que o El Niño enfraquecerá gradualmente e depois fará a transição para Neutralidade durante o trimestre abril, maio e junho de 2024 (AMJ/2024), com uma probabilidade de 66%.

GRÁFICO 2 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE *EL NIÑO* OU *LA NIÑA*



Fonte: IRI - <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>.

PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO FEVEREIRO, MARÇO E ABRIL DE 2024

As previsões climáticas para os próximos três meses, segundo o modelo do Inmet, são mostradas na figura abaixo. O modelo indica chuvas abaixo da média em grande parte da Região Nordeste, leste da Região Centro-Oeste e oeste da Região Sudeste, enquanto na parte central da Região Norte e Região Sul há previsão de chuvas acima da média. No geral, as condições de níveis de umidade no solo nos próximos meses ainda serão favoráveis, mesmo com a previsão de chuvas mais irregulares na parte central do país. Entretanto, na Região Nordeste e extremo-norte da Região Norte, há uma

tendência de baixos níveis de água no solo.

Analisando separadamente cada região do país, tem-se que para a Região Norte, a previsão é de chuvas acima da climatologia do trimestre. Em áreas da divisa entre Rondônia e Amazonas, sudeste do Pará e sul do Tocantins, os volumes de chuva podem ser abaixo da média histórica.

Na Região Nordeste, que inclui áreas do Matopiba e Sealba, há previsão de chuvas abaixo da média, que podem reduzir o armazenamento hídrico e afetar o desenvolvimento dos cultivos de primeira safra.

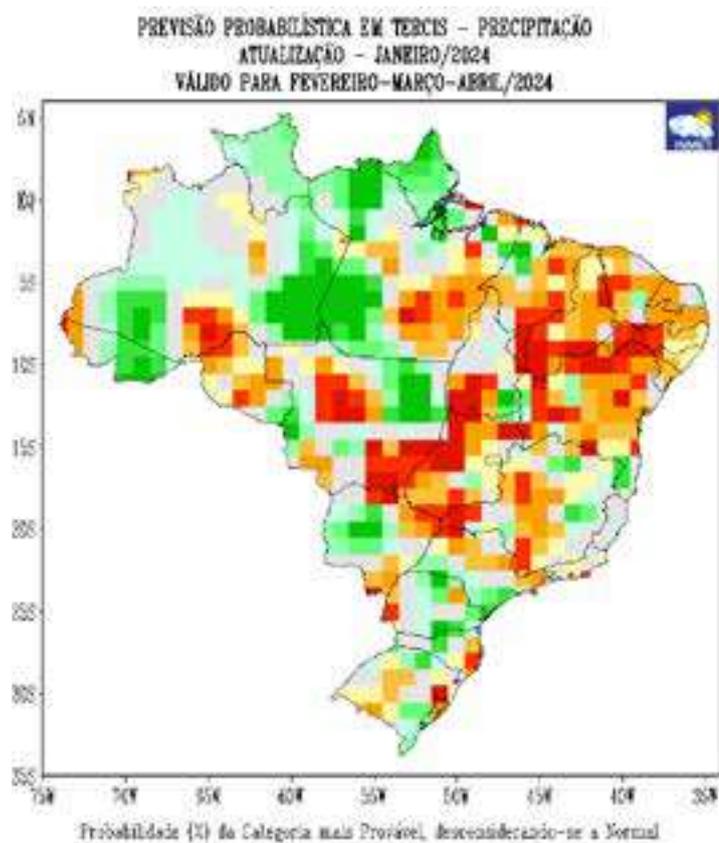
Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, o modelo do Inmet indica chuvas dentro ou abaixo da média, principalmente em março e abril de 2024. Já no nordeste do Mato Grosso, oeste do Mato Grosso do Sul, sul de São Paulo, são previstas chuvas acima da média. Porém, mesmo com a previsão de chuvas espacialmente irregulares, os níveis de água no solo nos próximos meses ainda serão favoráveis.

Na Região Sul, são previstas chuvas dentro e abaixo da média, exceto na parte central da região, onde as chuvas podem permanecer acima da média. Assim como na parte central do país, a irregularidade espacial das chuvas é uma consequência do enfraquecimento gradual do fenômeno El Niño, porém isso não deverá afetar os níveis de água no solo nos próximos meses.

Em relação à temperatura média do ar, o modelo continua indicando que durante todo o trimestre, as temperaturas permanecerão acima da média climatológica em praticamente todo o país, especialmente em áreas do Centro e Norte do Brasil, com valores médios ultrapassando 26 °C. Destaque para as Regiões Norte e Nordeste, onde as temperaturas poderão ultrapassar 28 °C. Já em áreas costeiras e serranas das Regiões Sul e Sudeste, as temperaturas podem ser mais amenas, com valores menores que 24 °C,

devido ao aumento da nebulosidade e dias chuvosos.

FIGURA 3 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE FEVEREIRO, MARÇO E ABRIL DE 2024



Fonte: Inmet.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do site do Inmet (<https://portal.inmet.gov.br>)

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

1.877,1 mil ha

12,8%

PRODUTIVIDADE

1.752 kg/ha

-8,2%

PRODUÇÃO

3.288,1 mil t

+3,6%

Comparativo com safra anterior.

Algodão em pluma.

Fonte: Conab

TABELA 3 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ALGODÃO EM PLUMA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.174,7	1.708	2.005,8
2018/19	1.618,2	1.717	2.778,8
2019/20	1.665,6	1.802	3.001,6
2020/21	1.370,6	1.721	2.359,0
2021/22	1.600,4	1.596	2.554,1
2022/23	1.663,7	1.905	3.169,9
2023/24	jan./24	1.766,6	3.099,1
	fev./24	1.877,1	3.288,1

Fonte: Conab.

Com cerca de 88% da safra semeada, há um aumento, em relação à safra passada, de 12,8% na área destinada à cotonicultura nacional, puxada, principalmente, pelo Mato Grosso, principal produtor da fibra, responsável por 70% da produção nacional. Mesmo com estimativa de redução de 8,2% da produtividade, em relação à safra passada, a produção total de algodão em pluma estimada é de 3.288,1 mil toneladas, valor 3,6% superior ao quarto levantamento, estabelecendo-se como a maior produção de algodão em pluma da série histórica da Conab.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: a estabilização da pluviosidade tem sido favorável ao desenvolvimento do algodoeiro. No entanto, em alguns momentos ao longo de janeiro, intensas chuvas limitaram o manejo da cultura, sobretudo em relação à aplicação de defensivos e adubação de cobertura. A semeadura do algodão de primeira safra foi finalizada, enquanto que a implantação do segundo ciclo segue intensa.

Em termos nutricionais e sanitários, a cultura apresenta bons resultados, com plantas bem instaladas e saudáveis, contudo o combate às pragas e doenças é realizado quando necessário, principalmente em relação ao bicudo, que apresenta elevadíssima infestação em comparação aos anos anteriores, consequência da grande quantidade de rebrotas e tigueras de plantas de algodoeiro em talhões de soja, de modo a fornecer condições para a multiplicação do inseto durante o período de vazio sanitário.

Bahia: estima-se aumento da área em relação à safra passada, isso deve-se aos bons resultados obtidos na safra passada e a expectativa do aumento do mercado internacional. Entretanto, em relação ao levantamento passado, há redução de área em sequeiro em virtude do risco climático. Parte desse

cultivo foi migrado para áreas irrigadas, em vista de manter a produção e não perder espaço no mercado internacional. Estima-se queda da produtividade em relação à safra passada, pois há expectativa de chuvas abaixo da média.

As chuvas ocorridas durante janeiro criaram boas condições para as lavouras de sequeiro, com a recuperação das áreas submetidas ao quadro de estresse hídrico e pleno desenvolvimento das demais lavouras.

As lavouras de sequeiro estão com o plantio finalizado e seguem com bom desenvolvimento em estágio de desenvolvimento vegetativo e florescimento, não sendo observadas perdas ou danos devido à irregularidade hídrica. As lavouras irrigadas seguem em operação de plantio e desenvolvimento vegetativo, em sucessão ao cultivo de soja. O plantio deve se estender até meados de fevereiro.



Foto 1 - Algodão- Desenvolvimento vegetativo - São Desidério-BA

Fonte: Conab.

Maranhão: o cultivo de algodão primeira safra ocorre nos municípios de Balsas e Tasso Fragoso, nos Gerais de Balsas, no sul do estado. O plantio da primeira safra de algodão foi realizado entre dezembro de 2023 e o início de janeiro de 2024, estando a área totalmente semeada. As lavouras se

encontram no estágio de desenvolvimento vegetativo e em boas condições. A área de plantio do algodão de primeira safra teve um aumento em relação à safra anterior, e mesmo com as chuvas escassas, há expectativa de resultados satisfatórios.

No município de Balsas, a semeadura da segunda safra foi iniciada na segunda quinzena de janeiro de 2024 e vai ocorrer até fevereiro de 2024, após a finalização da colheita da soja. Esse plantio foi adiantado em relação ao ano passado devido ao início da colheita da soja nessas localidades. Em janeiro, o plantio do algodão safrinha alcançou 20% da área estimada, com lavouras em emergência e desenvolvimento vegetativo.

Na safra 2023/24, a expectativa de plantio da segunda safra de algodão é de uma área de 10,6 mil hectares, quase o dobro da área alcançada na safra anterior, devido à substituição de área de outras culturas como soja e milho.

Goiás: o plantio da safra verão foi encerrado. Resta agora as áreas consideradas de safrinha, sequeiro ou mesmo sob pivôs de irrigação. Está previsto um incremento de área, principalmente na área de safrinha. Em torno de 40% das lavouras já estão em fase inicial de produção floral, enquanto os 60% seguem em desenvolvimento vegetativo. A alternância de dias com chuvas e períodos ensolarados contribuem para o bom desenvolvimento da cultura nos maiores polos produtores do estado. O monitoramento em relação ao bicudo é constante, e as operações fitossanitárias ocorrem semanalmente.



Foto 2 - Algodão - Desenvolvimento vegetativo - Perolândia-GO

Fonte: Conab.

Mato Grosso do Sul: o período caracterizou-se por baixos acumulados de chuvas, mas os volumes foram suficientes para a conclusão da semeadura e o desenvolvimento inicial adequado das lavouras. Já as temperaturas se regularizaram, não sendo verificado picos de calor como os ocorridos até meados de dezembro.

O estabelecimento do cultivo foi adequado, sendo constatado estande de plantas e evolução fisiológica inicial excelentes em todos os municípios produtores. Este fato e a baixa expectativa de rentabilidade com o milho estimularam a semeadura de lavouras de segunda safra, sendo verificado um aumento da área cultivada com a fibra, quando comparado ao levantamento anterior.

Com relação às pragas, verificou-se alta incidência de tripes, e atualmente há uma migração de mosca-branca da soja que está maturando, gerando reinfestações constantes nos algodoeiros, necessitando de pulverizações semanais de inseticidas. Como o período foi mais seco que o normal, não se encontra sintomas de doenças, com lavouras mais velhas recebendo a

segunda dose de fungicida e de adubação em cobertura com sulfato de amônio.

Minas Gerais: o atraso das precipitações nas regiões produtoras dificultou um pouco o plantio do algodão no início da temporada, porém a retomada das chuvas com maiores volumes, a partir de meados de dezembro, possibilitou que a semeadura das lavouras de sequeiro, consideradas de primeira safra, tivessem seu plantio concluído ainda em dezembro.

Alguns municípios, no norte do estado, sofreram com as irregularidades das chuvas e apresentaram falhas no estande, que, em casos pontuais, resultou em replantio, ainda em dezembro do ano passado. Com as chuvas das últimas semanas do ano, houve aumento da incidência de doenças pela alta umidade, mas os produtores foram eficazes no controle.

As áreas irrigadas estão sendo semeadas à medida que os pivôs centrais estejam disponíveis, após a colheita da soja. Aproximadamente 80% das áreas irrigadas de já foram semeadas.

Para esta safra, é esperado aumento da área em relação à safra passada. Esse aumento é devido à oportunidade de mercado, já que os produtores veem o cultivo da fibra vegetal como melhor alternativa, uma vez que o produto se manteve valorizado no mercado, enquanto as cotações de soja e milho oscilaram no momento de tomada de decisão.

Paraná: o clima seco e quente de dezembro e em grande parte de janeiro castigou as lavouras, no entanto, com o retorno das chuvas e um clima mais ameno espera-se uma melhora. A área total da cultura sofreu algumas oscilações ao longo do plantio. Alguns produtores, que inicialmente plantariam a cultura, não efetivaram o plantio. A fase predominante neste levantamento é floração.

São Paulo: em relação à safra passada houve redução da área semeada devido aos custos de produção, uma vez que a cultura utiliza equipamentos específicos. Os produtores que cultivam o algodão, em sua maioria, pertencem à região de Holambra e, nesta safra, reduziram suas áreas priorizando a soja.

Em relação à safra passada, há redução da produtividade, pois houve, nas áreas de sequeiro, a infestação de pragas, falta de chuvas e a incidência de calor.

Os estágios estão diferentes. Na região de Holambra e Martinópolis, boa parte da cultura já se encontra em floração, e em Riolândia, encontra-se, majoritariamente, em germinação.

Tocantins: o bom volume de chuvas contribuiu para a conclusão do plantio do algodão. As lavouras estão em boas condições de desenvolvimento, e os produtores realizam os tratos culturais necessários, com pulverizações preventivas.

As chuvas têm ocorrido de forma regular, com volumes satisfatórios, e abrangendo todo o estado. As lavouras estão em boas condições de desenvolvimento.

Ceará: o plantio ainda não iniciou. O baixo índice pluviométrico em janeiro atrasou a semeadura, visto que os produtores aguardam um bom período de chuvas para iniciarem a operação.

Piauí: embora se confirme um aumento de área em relação à safra anterior, a estimativa é de redução de produtividade, tendo em vista os impactos previstos com o fenômeno El Niño.

Há aumento de área, tanto com ampliação de áreas que já cultivam a cultura como incorporação de novas áreas, situação que deve continuar observando nas próximas safras. As lavouras se apresentam em boas condições de desenvolvimento e se encontram em desenvolvimento vegetativo, em sua totalidade.

Rondônia: com as chuvas recentes, a semeadura aconteceu em pouco menos de 10% da área estimada, mas avançando.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Algodão - Safra 2023/2024										
			NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Leste Rondoniense	0,68			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
TO	Oriental do Tocantins	0,32		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	2,23		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
	Sul Maranhense - 2ª Safra					S/E/DV	DV	F	FM	FM/M	M/C	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense	0,86		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano	20,80		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/FM	F/FM	FM/M	FM/M/C	FM/M/C	M/C	C
	Norte Mato-grossense - 1ª Safra	45,87		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
Norte Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
MT	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra	6,74		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
MS	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra	0,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
GO	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra	0,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
MS	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra	13,99		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
MS	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra	1,83		S/E/DV	DV	F	F/FM/M	FM/M/C	M/C	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - 1ª Safra	0,51	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste Goiano - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra	1,48		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C

Continua

Legenda - Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Algodão - Safra 2023/2024										
			NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	0,67	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV	DV/F	F/FM	FM	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	0,68	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV	DV/F	F/FM	FM	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

Dados recentes levantados pelas equipes da Conab, para o quinto levantamento de safras 2023/24, apontam que o país deverá atingir uma safra recorde, na ordem de 3,3 milhões de toneladas, com crescimento de 3,6% em relação à safra passada. Este volume assegura ao Brasil a terceira posição mundial de produção de algodão, com uma boa folga em relação aos Estados Unidos, o quinto colocado, o qual deverá produzir 2,7 milhões de toneladas, de acordo com dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Esse volume produzido no Brasil foi alcançado devido ao aumento de 12,8% da área destinada ao algodão em detrimento de outras culturas.

De acordo com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), em 2023 foram exportadas 1,6 milhão de toneladas de algodão em pluma. A China foi o principal destino, correspondendo a 48% do volume. Bangladesh, Vietnã, Turquia e Indonésia também adquiriram

volumes consideráveis da pluma brasileira. Para a próxima safra, a expectativa é que as exportações cresçam 53%, chegando a 2,48 milhões de toneladas. Por outro lado, também se espera um crescimento das importações, as quais devem atingir 4 mil toneladas. Estes valores foram construídos dentro de um cenário no qual o mercado trabalha com expectativa de um maior crescimento da economia mundial, principalmente a chinesa.

Neste início de ano, o mercado de algodão brasileiro ainda vem apresentando uma lentidão diante da retração de seus agentes. O foco dos produtores tem sido o mercado externo, onde a pluma brasileira apresenta bons ganhos. As indústrias ainda permanecem adquirindo pequenas quantidades, apenas o suficiente para atender suas demandas pontuais. Mas a expectativa é que o consumo interno de pluma cresça nesta safra 7,4%, chegando a 730 mil toneladas em 2024. Mesmo com o crescimento do consumo e das exportações, o estoque final de algodão em pluma deve crescer 3,7% e atingir o volume de 2,28 milhões de toneladas.

TABELA 4 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2017/18	629,1	2.005,8	19,6	2.654,5	700,0	974,0	980,5
2018/19	980,5	2.778,8	1,7	3.761,0	720,0	1.613,7	1.427,3
2019/20	1.427,3	3.001,6	2,2	4.431,1	690,0	2.125,4	1.615,7
2020/21	1.615,7	2.359,0	4,6	3.979,3	720,0	2.016,6	1.242,7
2021/22	1.242,7	2.554,1	2,3	3.799,1	675,0	1.803,7	1.320,4
2022/23	1.320,4	3.173,3	1,7	4.495,4	680,0	1.618,2	2.197,2
2023/24	jan/24	2.151,7	3.099,1	4,0	5.254,8	730,0	2.044,8
	fev/24	2.197,2	3.288,1	4,0	5.489,3	730,0	2.279,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2024.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.575 mil ha

+6,5%

PRODUTIVIDADE

6.852 kg/ha

+1,1%

PRODUÇÃO

10.791 mil t

+7,6%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab

TABELA 5 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ARROZ

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.972,1	6.118	12.064,2
2018/19	1.702,5	6.158	10.483,6
2019/20	1.665,8	6.713	11.183,4
2020/21	1.679,2	7.007	11.766,4
2021/22	1.617,3	6.666	10.780,5
2022/23	1.479,5	6.779	10.030,4
2023/24	jan./24	1.565,4	10.755,5
	fev./24	1.575,0	10.791

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A semeadura nas principais áreas produtoras de arroz no país avançou, atingindo mais de 98%, apesar das dificuldades, principalmente climáticas, intercaladas em regiões aonde as precipitações ocorreram em excesso, como nas áreas de lavoura no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, também com impedimentos na realização dos tratos culturais, e regiões com baixos volumes de chuvas para propiciar adequada umidade no solo para o plantio, como nas áreas de Tocantins, Mato Grosso e Goiás.

Há destaque para as áreas de cultivo em Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Tocantins e Mato Grosso, que concluíram o plantio da área prevista, e Goiás, com 85% semeado. Há áreas que já iniciaram a operação de colheita do arroz irrigado, e a colheita está concluída nas áreas do Pará. A maioria das lavouras se encontram em diversos estádios fenológicos.

Há estimativa de aumento de área a ser cultivada, tanto do arroz irrigado quanto do sequeiro, comparado com a safra passada, principalmente devido à expectativa com a melhoria dos preços praticados no mercado do cereal.

A área de arroz irrigado foi estimada em 1.254,7 mil hectares, com aumento de 6,7%, comparada à safra anterior. Quanto ao arroz de sequeiro, houve um aumento de área em 5,5% em relação à safra 2022/23, estimada, para a safra 2023/24, em 320,3 mil hectares.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: após muitas adversidades relacionadas aos fatores climáticos nas áreas de lavouras, como enchentes, alagamentos e pouca luminosidade, atualmente tem-se apresentado condições mais favoráveis para o desenvolvimento da cultura no estado, e a semeadura foi concluída. As fases da lavoura estão em 2% em maturação, 35% em floração, 37% prefloração (alongamento e emissão da panícula) e 26% em desenvolvimento vegetativo.

As áreas de cultivo, localizadas nas regiões da Zona Sul e Planície Costeira Interna, foram as que tiveram menores obstáculos durante a implantação e evolução das plantas, tendo por consequência as melhores lavouras, na média, e nessas regiões o percentual de floração se aproxima de 50%. Na

Depressão Central, em relação ao estabelecimento das lavouras, foi a região com maiores dificuldades, inclusive sendo necessário o replantio, atingindo 28% da área, justificados pela topografia e situação geográfica (cercada por rios e arroios), tornou-a mais suscetível aos alagamentos. Esta região apresentou também o maior percentual de área semeada fora do período preferencial, 60% até 15 de novembro, e fora do período tolerado, 20% até 15 de dezembro. As regiões da Fronteira Oeste e Campanha conseguiram semear até 80% de suas áreas dentro do período preferencial. Quando se refere ao estado, entre 74% e 76% das lavouras foram semeadas dentro do período preferencial, com expectativa que a produtividade seja muito boa.

Houve alguns entraves no controle total de plantas invasoras em parte das lavouras, ocorrência de doenças pontuais, como brusone e mancha foliar, dificuldade para aplicar ureia no seco e lixiviação da adubação. Contudo, os altos volumes de precipitações foram favoráveis para os reservatórios com abastecimento de água em abundância para a irrigação.

Apesar da ocorrência de alguns dias nublados, no período também foram observados vários dias com boa radiação solar. Assim, mantém-se a expectativa de boa produtividade, haja vista que as lavouras têm alto potencial produtivo.



Foto 3 - Lavoura de arroz irrigado - RS

Fonte: Conab.

Santa Catarina: a estimativa atual da safra 2023/24 aponta uma leve redução da área em relação à safra anterior, principalmente nas regiões do Litoral Norte e no Alto Vale do Itajaí, fato que se explica pela conversão de áreas de arroz em áreas urbanas.

A produtividade também poderá ser menor, advindos de fatores climáticos adversos em ano de El Niño, além da produtividade obtida na safra anterior ter sido excepcional.

As áreas recém-colhidas, na região norte do estado, apontam para uma redução moderada de produtividade nas lavouras que foram plantadas em agosto e setembro. No campo, as chuvas constantes desde o início da safra têm provocado um atraso no desenvolvimento da cultura, além de ocasionar um maior controle fitossanitário para prevenir as manchas fúngicas e brusone.

As áreas com o desenvolvimento da cultura mais atrasadas são da região sul do estado. As lavouras se encontram em diversos estádios fenológicos, principalmente em enchimento de grãos e maturação.

Tocantins: as chuvas estão regulares em todo o estado, favorecendo o desenvolvimento da cultura em fase de desenvolvimento vegetativo e enchimento de grãos, assim como as condições de armazenamento hídrico do solo que estão em boas condições para o progresso da safra e, de certa forma, as lavouras semeadas mais tardiamente deverão recuperar o seu potencial produtivo.

A colheita iniciou em algumas áreas, e será expandida para as demais regiões no decorrer de fevereiro. Na região de Formoso do Araguaia, as produtividades iniciais têm sido favoráveis, essas áreas foram semeadas em meados de setembro e outubro. Houve aumento no controle fitossanitário,

principalmente em áreas em fase mais avançada de desenvolvimento das plantas, com ocorrência de doenças fúngicas.

Para o arroz irrigado, as lavouras estão em diferentes estádios de desenvolvimento, o plantio ocorreu de forma bem escalonada devido à irregularidade das chuvas, até mesmo com registro de áreas semeadas durante janeiro, quando ocorreu a melhoria no volume de precipitações. Nas áreas de arroz em sequeiro houve o plantio consorciado com gramíneas, para a recuperação de pastagens degradadas.

As lavouras estão em boas condições de desenvolvimento, apresentando uniformidade na distribuição de plantas em campo.

Goiás: neste levantamento é estimado um incremento de área, totalizando, agora, 20 mil hectares cultivados no estado, principalmente no leste, oeste e sul. As áreas em tabuleiros ainda estão em diferentes estádios de desenvolvimento, desde a fase vegetativa até a fase de maturação e pré-colheita, e as chuvas mais regulares contribuíram para a fase de enchimento de grãos. Muitas áreas em fase de maturação têm-se aumentado a precaução com relação à incidência de doenças fúngicas disseminadas com as chuvas.

Maranhão: o cultivo de arroz irrigado por inundação sob média à alta tecnologia de plantio e manejo está com a colheita quase finalizada, atingindo 99% da área.

Para o cultivo de arroz em sequeiro, a semeadura está em atraso devido à falta de chuvas na região de produção. As lavouras se apresentam em desenvolvimento vegetativo.

A maior parte do cultivo de arroz em sequeiro (terras altas) é realizado pela agricultura familiar, em plantios consorciados com milho, feijão-caupi e

mandioca.



Foto 4 - Lavoura de arroz - Chapadinha-MA

Fonte: Conab.

Minas Gerais: para esta safra, a manutenção das áreas que já são tradicionalmente cultivadas com arroz vem se mantendo. O plantio nas áreas irrigadas do sul do estado já foi concluído, e as lavouras se desenvolvem satisfatoriamente, visto que, apesar de certa irregularidade das chuvas, há água disponível para manutenção dos tabuleiros irrigados.

Já para as áreas de sequeiro, especialmente da região norte do estado, a situação das áreas de plantio é regular, pois, devido à estiagem prolongada, o desenvolvimento das plantas foi afetado, podendo haver uma redução na produtividade das lavouras.

Mato Grosso: após um longo atraso, a semeadura do arroz de primeira safra foi concluída, já que as chuvas ocorreram em quantidade adequada, de acordo com a exigência hídrica da cultura, enquanto, simultaneamente, algumas lavouras irrigadas, semeadas ainda em outubro, deram início à operação de colheita, tendo alto rendimento e boa qualidade de grãos.

De forma geral, as lavouras se encontram predominantemente nos estádios de desenvolvimento vegetativo e floração, apresentando boas condições fitossanitárias.

Mato Grosso do Sul: o volume de precipitações ocorrida nas regiões produtoras foram suficientes para manter a lâmina de água nas lavouras que não dispõem de bombeamento, e a maior insolação favoreceu a produção de fotoassimilados pelos arrozais.

A colheita atingiu 25% da área cultivada, e os dados produtivos obtidos, até o momento, indicam elevação na expectativa da produção estadual em relação à estimativa anterior, e a qualidade dos grãos tem atendido a perspectiva das indústrias de processamento.

São Paulo: a área tradicional de plantio se mantém, e os recursos hídricos na região do vale do Paraíba estão favoráveis para a manutenção da cultura no campo.

Nas áreas com arroz de sequeiro há uma estimativa de redução na produtividade das lavouras, devido à elevação da temperatura durante o seu ciclo vegetativo.

Paraná: em decorrência das chuvas excessivas, mais no início do desenvolvimento vegetativo, a região noroeste, maior área de produção de arroz irrigado do estado, foi prejudicada com o aumento do nível do rio Ivaí, alagando as lavouras mais próximas às margens, provocando inclusive o replantio das áreas destruídas, reduzindo a área total de plantio. Em virtude desta situação climática que afetou a cultura, o seu estágio está distribuído em quase todas as fases fenológicas, com 100% do plantio efetivado e já 15% colhido.

O fato de a cultura ter sido replantada, fora da janela ideal de plantio, trouxe impactos sobre a produção, com estimativa de redução em relação à safra passada, e com o levantamento de safra anterior.

Para as lavouras de arroz em sequeiro, as chuvas excessivas no início do ciclo, seguido por clima seco e quente, além do retorno das chuvas, mas de forma irregular, até o momento, apesar da maior parte das lavouras apresentarem bom desenvolvimento, muitas parcelas apresentam desenvolvimento considerados regulares e/ou ruins, com redução na produtividade em relação à última safra e ao último levantamento, aliado ainda à baixa tecnologia aplicada tradicionalmente neste sistema de cultivo do arroz.

Rondônia: a estiagem prolongada com a ocorrência de altas temperaturas e escassez hídrica nas regiões de plantio, no centro e norte do estado, provocaram a implantação tardia da cultura. Contudo, a regularidade das chuvas foi favorável para as condições de plantio e desenvolvimento, melhorando também a expectativa de uma boa produtividade.

Na região sul do estado, as chuvas foram mais irregulares, mas sem comprometimento significativo na produção, contudo, houve uma desorganização no calendário da cultura. Há áreas implantadas em estádios iniciais, mas a maioria iniciando a floração e algumas áreas já em frutificação, principalmente onde as chuvas ocorreram desde o plantio.

Piauí: no arroz de sequeiro, a área no estado é praticamente toda oriunda da agricultura familiar. A lavoura está, predominantemente, em desenvolvimento vegetativo, e apresenta boas condições.

Sergipe: a colheita nas principais áreas produtoras do estado está quase finalizada, e a produtividade é considerada boa, indicando aumento de produção, com destaque para a boa qualidade do produto.

Com o clima apresentando poucas chuvas, a semeadura do arroz safrinha avançou em todas as áreas previstas para plantio e há a previsão de um aumento de área plantada, que pode ter relação com os preços do produto praticados no mercado interno.

Amazonas: a estiagem atrasou a semeadura, mas as áreas em que o quantitativo de arroz é exclusivamente da agricultura familiar, o plantio foi finalizado.

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica			
Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Baixa Restrição - Excesso de Chuva
		Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Média Restrição - Excesso de Chuva
		Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Alta Restrição - Excesso de Chuva
			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2023/2024											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	
RR**	Norte de Roraima	0,72					S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C			
RO	Leste Rondoniense	0,62					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
TO**	Ocidental do Tocantins	4,71			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C		
MA	Centro Maranhense	0,58					S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F	EG/M/C	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense	2,91			S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C			
GO**	Leste Goiano	0,57		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	1,17	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	C				
SC**	Norte Catarinense	1,32	S/E	S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C				
	Vale do Itajaí	2,02	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
	Sul Catarinense	7,45	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	6,20		PS	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense	4,08		PS	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre	16,93		PS	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense	29,07		PS	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C			
	Sudeste Rio-grandense	14,77		PS	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C			

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita. (**)irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a safra brasileira 2023/24 de arroz será 7,6% maior que a safra 2022/23, sendo projetada em 10,8 milhões de toneladas. Esse resultado é reflexo, principalmente, da estimativa de significativa expansão de área em meio à recuperação da rentabilidade projetada para o setor. Além desse fato, ressalta-se que o cenário climático de excesso de chuvas no Rio Grande do Sul, principal estado produtor, tem refletido em redução de área de soja e expansão da orizicultura nas regiões de várzea no estado.

Sobre o quadro de oferta e demanda do arroz, neste quinto levantamento, estima-se uma expansão do consumo nacional para 10,5 milhões de toneladas nas safras 2022/23 e 2023/24. Esta revisão foi realizada com base na significativa expansão da comercialização contabilizada no CDO (Taxa de Cooperação e Defesa da Orizicultura), descontado o saldo da balança comercial no Rio Grande do Sul em 2023. Mais especificamente sobre a balança comercial, as exportações, na safra 2021/22, apresentaram um significativo volume comercializado, e encerrou o ano de 2022 com 2,1 milhões de toneladas vendidas, em razão da boa competitividade do grão no mercado internacional e quebra da safra norte-americana.

Na safra 2022/23, em meio a um cenário de menor disponibilidade do grão e de maiores preços internos, notou-se uma retração do volume comercializado com o mercado externo para 1,8 milhão de toneladas, sendo este valor próximo da média comercializada ao longo dos últimos anos, com exceção da safra 2020/21, que apresentou movimentação atípica. Para a safra 2023/24, apesar da recuperação produtiva, os preços internos acima das paridades de exportação e a recomposição produtiva norte-americana resultarão em uma provável redução dos volumes exportados para 1,5 milhão de toneladas pelo Brasil.

Sobre as importações, o país importou 1,5 milhão de toneladas e, para 2024, projeta-se uma manutenção do volume importado em 1,5 milhão, em razão ainda da necessidade de recomposição da oferta nacional. Com isso, em meio aos números apresentados, a projeção é que os estoques de passagem apresentem uma amena recuperação ao longo de 2024, com um volume estimado de 2 milhões de toneladas ao final do ano em curso.

TABELA 6 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2017/18	2.121,9	12.064,2	842,7	15.028,8	10.793,7	1.809,3	2.425,8
2018/19	2.425,8	10.483,6	1.012,5	13.921,9	10.544,6	1.432,3	1.945,0
2019/20	1.945,0	11.183,4	1.280,8	14.409,2	10.708,3	1.813,4	1.887,5
2020/21	1.887,5	11.766,4	1.004,1	14.658,0	10.832,4	1.143,5	2.682,1
2021/22	2.682,1	10.780,5	1.212,3	14.674,9	9.996,6	2.111,3	2.567,0
2022/23	2.567,0	10.031,8	1.442,5	14.041,3	10.500,0	1.753,9	1.787,4
2023/24	jan/24	1.744,0	10.755,5	1.450,0	13.949,5	10.250,0	1.699,5
	fev/24	1.787,4	10.791,0	1.450,0	14.028,4	10.500,0	1.500,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2024.

Estoque de passagem - Arroz: 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).



FEIJÃO

ÁREA

2.767,5 mil ha

+2,5%

PRODUTIVIDADE

1.074 kg/ha

-4,5%

PRODUÇÃO

2.973,1 mil t

-2,1%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Pelo seu apelo alimentar, mercadológico e agrônômico, a cultura tem grande relevância na agricultura nacional. Nesse último quesito, tem papel fundamental no planejamento de calendário agrícola, justamente por possuir um ciclo fenológico considerado adequado ao seu plantio em uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra.

Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio de feijão, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra, semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra, cultivado entre janeiro e abril, e o de terceira safra, semeado de maio a julho.

FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA 2023/24

TABELA 7 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA – 2023/24

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.061,2	1.212	1.286,4
2018/19	922,6	1.072	989,1
2019/20	914,5	1.209	1.105,6
2020/21	909,2	1.074	976,4
2021/22	909,3	1.036	941,8
2022/23	857,3	1.116	956,6
2023/24	jan/24	843,4	916,3
	fev/24	850,5	879,5

Fonte: Conab.

ANÁLISE ESTADUAL

FEIJÃO-COMUM CORES

Minas Gerais: o último mês marcou tanto a conclusão do plantio quanto o início da colheita, particularmente naquelas áreas mais precoces.

De maneira geral, observa-se que o ciclo da cultura tem sido encurtado devido às altas temperaturas, a limitação hídrica em alguns períodos e o elevado índice luminoso sobre as plantas, fazendo com que elas abreviem seus estádios fenológicos para evitar perdas e viabilizar a formação do grão. Essas condições visualizadas devem também impactar o potencial produtivo da cultura, diminuindo o rendimento e até mesmo a qualidade dos grãos obtidos.

Entre as principais regiões produtoras do estado, percebe-se que as lavouras semeadas mais precocemente, entre outubro e novembro de 2023, no Noroeste mineiro sofreram muito com a restrição hídrica.

Essas lavouras tiveram um desenvolvimento prejudicado, e a expectativa é de redução no potencial produtivo, até mesmo com algumas lavouras

abandonadas devido à péssima expectativa de produção. Já para aquelas áreas que tiveram semeadura mais tardia, em dezembro de 2023, a expectativa é de uma produção melhor, embora com certa ressalva em vista do ataque de mosca-branca, que foi favorecido pelo clima mais seco e quente na região.

No Norte de Minas também foram registradas muitas perdas e abandono de lavouras pelos agricultores familiares, que só concluíram o plantio em janeiro de 2024, depois de uma melhoria nas condições pluviométricas.

Já no Sul de Minas, as lavouras se apresentam em condições melhores devido a um regime de chuvas melhor distribuído na região.

Bahia: as chuvas que anteriormente estavam mais concentradas na região oeste do estado, tornaram-se mais abrangentes, criando condições melhores para a cultura também nas áreas do centro-sul e centro-norte baianos. Boa parte das lavouras de sequeiro, que estava em estádios mais jovens, apresentaram recuperação vegetativa em relação ao estresse hídrico que estavam.

Mesmo com a melhoria no cenário climático ainda há atraso nas operações de plantio, que devem ser concluídas no início de fevereiro. Este atraso significativo no plantio deve-se à irregularidade hídrica e ao atraso das chuvas em algumas microrregiões. Em campo há uma grande variabilidade de características de lavouras, havendo desde lavouras em germinação até lavouras em fase de maturação, e lavouras com ótimo vigor até lavouras com desenvolvimento muito prejudicado pelo clima. Há também registros de maior incidência com pragas como mosca-branca, lagartas e pulgão, porém o controle tem sido feito para mitigar os danos de origem fitossanitária.

Goiás: a colheita avançou nesse primeiro mês de 2024, porém em alguns períodos essas operações ficaram limitadas devido à ocorrência de chuvas. Aliás, essas precipitações durante a maturação e colheita fizeram com que a qualidade dos grãos estivesse comprometida, registrando muitos grãos manchados e com outras avarias que reduziram a classificação de lotes do produto. Até mesmo operações de secagem precisaram ser realizadas em alguns armazéns para receber esse produto colhido com umidade acima do desejado.

Quanto ao potencial produtivo da cultura, a estimativa também aponta para redução em relação ao projetado no último levantamento. A escassez de chuvas prejudicou as lavouras de sequeiro, embora algumas delas tenham se recuperado nas fases reprodutivas com a retomada mais regular das chuvas. As temperaturas elevadas também foram prejudiciais e provocaram abortamento floral em algumas lavouras. Como grande parte das lavouras foram cultivadas sob regime de pivô central, as perdas de potencial produtivo estiveram mais relacionadas às altas temperaturas.

Paraná: mesmo com atraso na conclusão do plantio, o ciclo já se encaminha para sua fase final, principalmente pelo encurtamento de estádios fenológicos em razão das intercorrências climáticas que impactaram a cultura.

A colheita já se aproximava dos 90% ao final de janeiro, visto que as demais áreas se encontravam em fase de maturação, preparando-se para a sega nos próximos dias.

As estimativas de redução no potencial produtivo, que vinham sendo divulgadas, devem se confirmar e com perspectiva de variações ainda maiores, se comparadas aos números apresentados no levantamento passado. O início do ciclo teve um cenário com chuvas intensas, falta de

luminosidade e frio, justamente durante a germinação e o desenvolvimento inicial da maioria das áreas.

Em alguns casos ocorreram replantios, assim como, também, foram afetados os tratos culturais, o que possibilitou aumento da incidência de doenças fúngicas e bacterianas. Já a partir de novembro/dezembro, o predomínio foi de um clima com poucas chuvas e temperaturas mais elevadas, algo que, por um lado melhorou a sanidade das lavouras, mas que não conseguiu recuperar todo o potencial produtivo da cultura, mesmo com a retomada das chuvas em janeiro de 2024.

São Paulo: colheita finalizada no estado. Confirmou-se um incremento na área plantada em comparação à temporada passada e com um rendimento médio similar àquele visualizado nesse mesmo período.

Santa Catarina: mesmo com um calendário de plantio tradicionalmente mais tardio do que o feijão-comum preto, as lavouras de feijão-comum cores nessa primeira safra estão totalmente implantadas.

Aliás, aquelas áreas de semeadura mais precoce já iniciaram a colheita, representando 15% da área total colhida ao final de janeiro de 2024.

A instabilidade climática ao longo do ciclo trouxe impactos negativos sobre o calendário ideal de semeadura, até mesmo reduzindo a estimativa de área plantada em comparação a 2022/23, e sobre o potencial produtivo da cultura. Esse cenário climático poderá reduzir o rendimento médio dos grãos, assim como o excesso de chuvas e a incidência de doenças durante a maturação podem diminuir a qualidade do produto obtido.

Rio Grande do Sul: as condições meteorológicas foram muito favoráveis à implantação das lavouras, que alcançaram a conclusão das operações em janeiro.

Todas as lavouras já emergiram, estando a maioria em desenvolvimento vegetativo e uma pequena parcela já alcançou o florescimento. A população estabelecida é adequada, e as plantas estão vigorosas e saudáveis. Nas primeiras áreas semeadas, em metade de dezembro, os agricultores iniciam o controle das plantas daninhas.

Diante da ocorrência de precipitações recorrentes existe a preocupação com a ocorrência de doenças, favorecidas por essas condições, mas os agricultores planejam a realização de aplicações preventivas de defensivos agrícolas.

O pacote tecnológico adotado para a cultura é muito bom na maior parte das lavouras, esta condição aliada ao bom estabelecimento inicial e às condições da lavoura no momento, permitem a manutenção da produtividade estimada, que é considerada boa.

Distrito Federal: as lavouras se encontram com 80% em floração e o restante em enchimento de grãos, com boa sanidade, até o momento. A produtividade média esperada deve ser inferior à safra passada, sendo motivada pela escassez hídrica no início do ciclo.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: o encurtamento no ciclo fenológico, devido ao estresse climático sobre as plantas, fez com que a colheita já se encaminhasse para a reta final ainda em janeiro.

No geral, as estimativas de redução no potencial produtivo, que vinham sendo divulgadas, devem se confirmar e com perspectiva de variações ainda maiores, se comparadas aos números apresentados no levantamento passado.

O início do ciclo teve um cenário com chuvas intensas, falta de luminosidade e frio, justamente durante a germinação e o desenvolvimento inicial da maioria das áreas. Em alguns casos ocorreram replantios, assim como, também, foram afetados os tratos culturais, o que possibilitou aumento da incidência de doenças fúngicas e bacterianas. Já a partir de novembro/dezembro, o predomínio foi de um clima com poucas chuvas e temperaturas mais elevadas, algo que, por um lado melhorou a sanidade das lavouras, mas que não conseguiu recuperar todo o potencial produtivo da cultura, mesmo com a retomada das chuvas em janeiro de 2024.

Santa Catarina: cerca de 70% das lavouras de feijão-comum preto já estavam colhidas ao final de janeiro de 2024. O restante das áreas se divide entre lavouras no desenvolvimento vegetativo até à maturação.

As instabilidades climáticas ocorridas ao longo do ciclo trouxeram impactos negativos na perspectiva de produtividade média. Além disso, o excesso de chuvas e incidência de doenças ajudaram a reduzir esse potencial produtivo e a qualidade dos grãos obtidos.

Rio Grande do Sul: a semeadura da cultura foi finalizada. As áreas mais tardias foram plantadas na região do Planalto Superior, em janeiro.

Como a janela de plantio é extensa no estado, as primeiras lavouras implantadas lá no início do ciclo já estão em colheita nas demais regiões produtoras. As condições meteorológicas foram mais favoráveis, clima mais estável, com menos chuvas, para o bom andamento da sega, que já alcançou cerca de 70% da área total cultivada.

Vale ressaltar que o potencial produtivo da cultura foi reduzido, especialmente naquelas lavouras plantadas no começo do ciclo, já que à época, as condições climáticas foram bastante prejudiciais, com chuvas excessivas e grande

número de dias nublados, tornando-se ainda mais crítico para a cultura, especialmente quando acometeram as lavouras em estádios fenológicos de florescimento e enchimento de grãos.

As lavouras semeadas mais tardiamente tiveram condições meteorológicas mais favoráveis. O bom suprimento hídrico para as plantas, durante todo o ciclo da cultura e os dias com temperaturas e radiação solar adequada em dezembro, permitiram que a polinização fosse adequada e que ocorresse boa formação e enchimento dos grãos.

Vale destacar a participação, ainda que incipiente, do feijão com manejo orgânico no estado, especificamente na região de Piratini. Não há, no momento, a certificação de todo cultivo, mas já se vê uma pequena porção (área pontual e ainda de pequena concentração dentro do estado) que vislumbra atender uma demanda recorrente, agregando valor ao produto gerado.

Essa condição permite a realização de uma certificação participativa das propriedades e do produto colhido, mas as dificuldades de comercialização do grão ainda fazem com que a área cultivada seja pequena.

Atualmente, as lavouras estão na fase de enchimento de grãos, maturação ou já foram colhidas. As chuvas aumentaram a pressão de doenças sobre a cultura, e as produtividades obtidas não são altas, embora melhores que as da safra anterior, prejudicadas pela estiagem.

FEIJÃO-CAUPI

Piauí: o cultivo do feijão primeira safra no estado ocorre, predominantemente, em áreas da agricultura familiar e abrange praticamente todas as regiões do estado. Devido à forte dependência dos fatores climáticos, normalmente

apresenta baixa produtividade. Já nas áreas da agricultura empresarial, localizada no cerrado piauiense, está sendo menos utilizada para o cultivo do feijão (pela concorrência com cultivos de outras graníferas, como soja e milho), apesar das condições climáticas favoráveis.

A semeadura ainda está em andamento, apresentando atraso em relação à safra anterior no estado. As lavouras estão em fases fenológicas, entre desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos. A cultura apresenta boas condições de desenvolvimento, na sua maioria.

Bahia: houve uma mudança significativa sobre a estimativa de área plantada com a cultura em comparação ao divulgado no último levantamento. Há perspectiva de incremento na área total desse feijão-caupi, por meio da substituição do cultivo da soja devido ao risco climático. A cultura, por apresentar maior rusticidade e tolerância ao estresse hídrico, foi escolhida para substituir algumas áreas que planejavam semear soja, mas que pelas limitações climáticas não se concretizaram.

Esse crescimento também influenciou as estimativas de produtividade média, já que muitas dessas áreas adicionadas são oriundas de produtores com alta tecnologia disponível.

Quanto às condições gerais visualizadas recentemente no campo, pode-se perceber que as chuvas ocorridas em janeiro foram mais bem distribuídas e com volumes maiores, criando boas condições para as lavouras de sequeiro, com a recuperação das áreas submetidas ao quadro de estresse hídrico e pleno desenvolvimento das demais lavouras.

A variabilidade das lavouras em campo é grande, havendo desde lavouras em germinação até lavouras em fase de maturação, assim como lavouras de ótimo vigor vegetativo até lavouras com desenvolvimento muito

prejudicado pelo clima. Há também registros de maior incidência de pragas como mosca-branca, lagartas e pulgões, mas que estão sendo controladas para evitar as perdas de potencial produtivo.



Foto 5 - Feijão-caupi 1ª safra - Desenvolvimento Vegetativo - Barreiras-BA

Fonte: Conab.

Maranhão: a primeira safra de feijão-caupi é semeada no início das chuvas. O plantio foi iniciado em novembro de 2023 e vai ocorrer até fevereiro de 2024, com a incidência de chuvas.

Até o final de janeiro, o plantio alcançou 63% da área total prevista. Mas, mesmo antes da conclusão da semeadura, já há estimativa de redução na área plantada em comparação ao exercício passado devido às adversidades climáticas, aliadas à falta de distribuição de sementes por parte do governo, em todo o estado, que foi um fator bastante desestimulante para os pequenos produtores que cultivam seus roçados de feijão em pequena escala.

Estas sementes, apesar da quantidade reduzida, serviam como um incentivo aos produtores que não tinham bancos de sementes ou mesmo recurso para aquisição de sementes.

De maneira geral, a primeira safra de feijão-caupi é cultivada, principalmente,

pela agricultura familiar, em sistemas que utilizam baixa tecnologia, em roça no toco, em consórcio com as culturas de arroz, milho e mandioca, o que resulta, frequentemente, em baixos rendimentos. O financiamento é feito na maior parte por meio de recursos próprios. Normalmente, esses pequenos produtores utilizam sementes de feijão-caupi doadas pelo governo do estado.

Detalhando mais da cultura em campo, observa-se que nas regiões sul e leste maranhense houve atraso no plantio devido à escassez de chuvas no período tradicionalmente de início de semeadura. Poucos produtores que se aventuraram no cultivo entre novembro e dezembro de 2023, como normalmente acontece. O plantio efetivado nesse período não obteve êxito, ou houve baixa produtividade, devido à falta de chuvas.

Nas regiões do norte maranhense, no Médio Mearim e no centro maranhense o plantio foi iniciado, principalmente, em janeiro de 2024, com perspectivas de encerrar as operações ainda em fevereiro de 2024.

Minas Gerais: a semeadura foi concluída, apresentando redução na estimativa de área plantada em comparação ao levantamento passado pelas adversidades climáticas, e também começou, de forma incipiente, a colheita da cultura no estado. O ciclo fenológico tem sido encurtado devido às condições climáticas mais adversas, provocando estresses que geram essa abreviação.

Prevê-se também redução no potencial produtivo da cultura em decorrência das intercorrências climáticas e até pelo atraso no plantio, que pode levar a cultura permanecer em campo num período tradicionalmente de menor incidência de chuvas.

Tocantins: a colheita nas áreas de várzea já estava finalizada, restando apenas a realização das operações nas lavouras de terras altas, que são semeadas mais tardiamente.

As condições gerais dessas lavouras remanescentes são boas, embora no ciclo tenha acontecido algumas oscilações climáticas importantes. Na média total, a expectativa é de produtividade superior à obtida em 2022/23, apresentando também aumento de área plantada em comparação ao mesmo período, pois a adoção de políticas públicas que fomentam o setor, até mesmo com distribuição de sementes para pequenos produtores ajudou a alavancar essa destinação de área.

Mato Grosso: a colheita foi integralmente concluída, e a produtividade média observada foi maior que a esperada, mesmo após os períodos de adversidades climáticas, especialmente estiagem e altas temperaturas, que acometeram as lavouras em parte do ciclo.

Pernambuco: as lavouras estão localizadas na mesorregião do Agreste pernambucano e atualmente seguem, majoritariamente, em fase de maturação e colheita. De maneira geral, a perspectiva é de redução na produtividade média e na área plantada em relação à temporada passada. Adversidades climáticas, veranicos prolongados, principalmente no início do ciclo, aumento no custo de produção do feijão e a substituição de áreas por cultivo de mandioca são algumas das causas que justificam essas variações nas estimativas.



Foto 6 - Feijão-caupi 1ª safra - Maturação - São João-PE

Fonte: Conab.

Foto 7 - Feijão-caupi 1ª safra - Desenvolvimento Vegetativo - Barreiras-BA



Fonte: Conab.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica												
Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
		Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
		Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2023/24									
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	
PA	Nordeste Paraense	0,79						PS	S/E/DV	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C
	Norte Piauiense	0,72				S/E/DV	E/DV	E/DV	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C	
PI	Centro-Norte Piauiense	0,82				S/E/DV	E/DV	E/DV	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense	3,23				S/E/DV	E/DV/F	E/DV/F	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Piauiense	2,43				S/E/DV	E/DV	E/DV	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano	8,68			S/E/DV	E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia	0,76			S/E	S/E/DV	E/DV/F	E/DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C	
	Centro Sul Baiano	2,03			S/E	S/E/DV	E/DV/F	E/DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	M/C	
GO	Leste Goiano	5,43		S/E	S/DV/F	F/EG	F/EG	EG/M/C	C			
	Sul Goiano	4,64		S/E	DV/F	EG/M	EG/M	EG/M/C				
	Norte Goiano	2,28		S/E	E/DV	F/EG	F/EG	F/EG/M	M/C			
DF	Distrito Federal	2,78		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F	F/EG	M/C			
	Noroeste de Minas	7,23			S/E/DV	F/EG	F/EG	F/EG/M	C			
	Norte de Minas	1,36			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,24		S/E	S/E/DV	F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C			
MG	Metropolitana de Belo Horizonte	0,70		S/E	S/E/DV	F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Oeste de Minas	0,84		S/E	E/DV/F	F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Sul/Sudoeste de Minas	2,64		S/E	E/DV/F	F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Campo das Vertentes	2,38		S/E	E/DV/F	F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Zona da Mata	1,22		S/E	E/DV/F	F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C			
SP	Assis	0,89		S/E	E/DV	F/EG/M	M/C	M/C				
	Itapetininga	1,29	S/E	E/DV	F/EG/M	EG/M/C	C	C				
	Macro Metropolitana Paulista	1,01		S/E	E/DV	F/EG/M	M/C	M/C				
	Norte Pioneiro Paranaense	1,26	S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C	C				
	Centro Oriental Paranaense	4,09	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C			
PR	Oeste Paranaense	0,91	S/E	S/E/DV	F/EG	M/C	C	C				
	Sudoeste Paranaense	0,60	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C			
	Centro-Sul Paranaense	2,11	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C			
	Sudeste Paranaense	9,69	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	EG/M/C			
	Metropolitana de Curitiba	5,02	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	EG/M/C			
SC	Oeste Catarinense	2,04	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense	1,67	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C			
	Serrana	1,97	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M	EG/M/C	M/C			
RS	Noroeste Rio-grandense	0,77	S/E	S/E/DV	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C					
	Nordeste Rio-grandense	2,60			S/E	S/E/DV	E/DV	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de

grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (*) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

FEIJÃO SEGUNDA SAFRA 2023/24

TABELA 8 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO SEGUNDA SAFRA – 2023/24

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.532,7	793	1.216,0
2018/19	1.418,6	917	1.300,4
2019/20	1.423,0	875	1.244,7
2020/21	1.446,4	787	1.137,8
2021/22	1.419,1	945	1.341,1
2022/23	1.326,2	962	1.275,8
2023/24	jan/24	1.382,3	1.312,6
	fev/24	1.366,8	1.292,8

Fonte: Conab.

Aproveitando-se do ciclo mais curto do feijão em comparação a outras graníferas, o produtor consegue adequar o plantio da cultura dentro do ano safra em janelas menores. Isso viabiliza oferta constante do produto ao longo do ano, com semeaduras ocorrendo em diferentes épocas. É o caso do feijão segunda safra, que tem seu plantio começando a partir de janeiro e que se estende tradicionalmente até abril.

Nesse período há uma importante destinação de área para o plantio da cultura, com grande pulverização das lavouras pelo território nacional. Para a atual temporada, a estimativa é de 1.366,8 mil hectares direcionados para tal cultivo, considerando os grupos de feijões-comuns cores e preto, além do feijão-caupi.

Atualmente, as primeiras lavouras estão sendo implanta-das em algumas regiões produtoras, especialmente, no Sul do país, com o plantio do feijão

comum cores e feijão-comum preto no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, porém, o cenário geral é de atraso nas operações em razão das condições climáticas adversas na primeira safra e que postergaram a colheita dessas culturas e que, por consequência, também devem impactar o avanço das operações de semeadura no segundo ciclo.

FEIJÃO-COMUM CORES

Paraná: mesmo com um clima instável, com chuvas variando na sua regularidade e volume ao longo do último mês, a semeadura da cultura começou e já alcançou um quinto da área prevista, até o final de janeiro.

A perspectiva inicial é de leve redução na área plantada em comparação à temporada anterior, até mesmo com estimativa de maior proporção para destinação de área ao feijão-comum preto, devido ao preço mais atrativo desse último e uma maior resistência de suas cultivares a estresses climáticos.

Santa Catarina: o plantio avança de acordo com o ritmo da colheita de culturas antecessoras, como o milho e a soja. As condições gerais são boas para a implantação e o desenvolvimento inicial das lavouras, já que houve bons volumes de chuva nos últimos dias.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: desde a última quinzena de dezembro de 2023 até a terceira semana de janeiro de 2024, o clima foi de chuvas mais escassas e altas temperaturas nas principais regiões produtoras do estado. Já a partir do último decêndio de janeiro as precipitações ocorreram em maiores volumes e de maneira mais abrangente, permitindo maior avanço do plantio e melhores condições para essas lavouras mais tardias, se comparadas àquelas semeadas no início de

janeiro, que foi de clima mais seco.

No geral, cerca de 20% da área estimada já foi plantada e, a percepção inicial é de aumento na área total semeada, quando comparada a 2022/23, principalmente pelo preço mais atrativo e por uma maior resistência das cultivares de feijão-comum preto a estresses climáticos, em relação ao feijão-comum cores.

Santa Catarina: o plantio avança de acordo com o ritmo da colheita de culturas antecessoras, como o milho e a soja. As condições gerais são boas para a implantação e o desenvolvimento inicial das lavouras, já que houve bons volumes de chuva nos últimos dias.

Rio Grande do Sul: a semeadura já começou e vem avançando paulatinamente, ocorrendo, normalmente, após a colheita do milho. Até o final de janeiro, 60% da área prevista estava semeada, tendo na região do Planalto Médio, o local de maior concentração do cultivo.

As oscilações e incertezas em relação ao preço recebido pelo produto torna as estimativas de área plantada mais árduas nesse primeiro momento, mas o apontamento inicial é de pequeno incremento na área semeada em comparação ao exercício passado, principalmente pela tendência de algumas áreas antes destinadas ao plantio de feijão primeira safra serem efetivamente semeadas no período da segunda safra.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2023/24										
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL				
TO	Ocidental do Tocantins	3,05			S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C				
	Oriental do Tocantins	0,53			S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C				
MA	Sul Maranhense	0,75			S/E	DV/F	EG/M	M/C					
	Noroeste Cearense	2,10		S/E	E/DV	F/EG	EG/M	M/C					
CE	Norte Cearense	1,29		S/E	E/DV	F/EG	EG/M	M/C					
	Sertões Cearenses	2,66		S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C					
	Jaguaribe	0,81		S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C					
	Sul Cearense	1,00		S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C					
RN	Oeste Potiguar	0,70		S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C					
PB	Sertão Paraibano	0,85		S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C					
	Agreste Paraibano	0,97		S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C					
PE	Sertão Pernambucano	1,57		S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C					
	Agreste Pernambucano	0,72		S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C					
MT	Norte Mato-grossense	7,04			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C					
	Nordeste Mato-grossense	0,73			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C					
	Sudeste Mato-grossense	1,31			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C					
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	0,87			S/E	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C				
MS	Leste Goiano	1,18			S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C					
	Sul Goiano	1,85			S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C					
	Norte de Minas	0,83		S/E	E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C					
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,02		S/E	E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C					
MG	Central Mineira	0,53		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C					
	Oeste de Minas	1,35		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C					
	Sul/Sudoeste de Minas	2,23		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C					
	Campo das Vertentes	2,27		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C					
	Zona da Mata	0,79		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C					
	Bauru	0,68			S/E/DV	E/DV	F/EG	EG/M/C					
SP	Assis	0,56			S/E/DV	E/DV	F/EG	EG/M/C					
	Itapetininga	2,04			S/E/DV	E/DV	F/EG	EG/M/C					
	Centro Ocidental Paranaense	0,58	S/E	S/E/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C					
	Norte Pioneiro Paranaense	0,55	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C					
	Centro Oriental Paranaense	7,34	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	EG/M/C	C					
	Oeste Paranaense	1,45	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C					
PR	Sudoeste Paranaense	13,91	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C					
	Centro-Sul Paranaense	10,04	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C					
	Sudeste Paranaense	6,24	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C					
	Metropolitana de Curitiba	1,37	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C					
SC	Oeste Catarinense	3,48	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C					
RS	Noroeste Rio-grandense	3,15	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C					

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (*) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

FEIJÃO TERCEIRA SAFRA 2023/24

TABELA 9 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO TERCEIRA SAFRA – 2023/24

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)	
2017/18	577,8	1.062	613,8	
2018/19	581,0	1.253	728,0	
2019/20	588,8	1.481	872,1	
2020/21	567,8	1.373	779,6	
2021/22	530,6	1.333	707,2	
2022/23	516,0	1.559	804,4	
2023/24	jan/24	550,2	1.456	801,1
	fev/24	550,2	1.456	801,1

Fonte: Conab.

Previsão de plantio, para a safra 2023/24, apenas a partir de maio de 2024.

ANÁLISE DE OFERTA E DEMANDA

FEIJÃO-COMUM CORES

Fevereiro iniciou com um significativo volume de sobras de mercadorias em vista do baixo interesse de compras. Os comerciantes passaram a adquirir o mínimo necessário apenas para honrar os seus compromissos, esperando por uma reação do setor varejista.

No atacado em São Paulo, principal centro de formação de preços do produto, corretores alegam um fraco giro da mercadoria, com sobras diárias de amostras que circulam nas mãos dos comerciantes, o que demonstra pouco interesse na aquisição do produto ofertado, principalmente do grão de qualidade inferior, manchados, brotados, deformados, elevada umidade e bandinhas.

Ao que tudo indica, ninguém está disposto a empatar capital na formação de estoques, mesmo que seja pequeno, apesar das estimativas que a safra deve ser menor que a esperada, devido não somente à redução na área, mas principalmente pela queda na produtividade em razão das más condições climáticas observadas em praticamente todos os principais estados produtores.

Segundo as indústrias de empacotamento, qualquer elevação nos preços de mercado só deverá ocorrer se houver um aquecimento na demanda, e isso, no momento, deve ser descartado pelo fato que estamos numa época de baixo consumo, ocasionado pelo período de férias escolares, e no pico da colheita da primeira safra.

Nas zonas de produção a oferta do tipo extra está escassa, e a maior parte do volume ofertado é de produto comercial. Os preços se encontram em queda, gerando um forte descontentamento dos produtores, mas, por outro lado, os compradores continuam brigando por melhores preços, mesmo com diferencial da qualidade, alegando dificuldades no repasse de qualquer elevação na atual conjuntura.

Cabe frisar que, com as cotações em declínio, muitos comerciantes usam a estratégia de escalonar as compras na expectativa de valores mais em conta, e o mercado dá sinais de enfraquecimento em face da baixa qualidade do grão e da concentração da colheita na Região Centro-Sul.

No Paraná, as chuvas ocorreram de maneira mais esparsa, e as temperaturas estiveram mais amenas, favorecendo o avanço da colheita e também beneficiando as lavouras que estão em enchimento de grãos e maturação. Já em Minas Gerais e Goiás a colheita segue avançando, no entanto, as lavouras vêm sendo prejudicadas em determinadas localidades pela presença da mosca-branca, e a qualidade dos grãos apresentando defeitos,

como manchas, causadas pela ocorrência de chuva durante a colheita, prejudicando, dessa forma, a comercialização da mercadoria.

O volume colhido nesta primeira safra é pouco inferior ao registrado na safra anterior, e o que deve ser levado em consideração é a má qualidade do grão comercializado, que está pressionando as cotações para baixo. Tal situação deixa o comprador em posição de espera por melhores condições de compras – preço e qualidade.

Com relação à segunda safra, a pesquisa da Conab projeta uma expansão de 2,2% na área a ser plantada, e, em contrapartida, uma redução de 6,3% na produção em comparação ao registrado em 2022/23. No Sul do país, a semeadura começou no início de janeiro, atingindo cerca de 40% da área, e as lavouras atravessam as fases de germinação e desenvolvimento vegetativo. A colheita está prevista para meados de abril, devendo se concentrar em maio e junho.

Agentes de mercado acreditam que a demanda deve continuar fraca, com os compradores retraídos, mantendo o ritmo de negociações, aguardando o incremento da oferta de feijão com boa qualidade, escasso no mercado, acreditando que, caso não ocorram problemas severos de ordem climática, e/ou expressivo aquecimento da demanda, a tendência é que os preços recuem ou fiquem, na melhor das hipóteses, nos atuais patamares, com melhoria na qualidade do grão.

Diante deste cenário, o mercado deverá continuar operando com vendas gradativas. O setor produtivo demonstra sinais de flexibilização nos preços, e os compradores, por sua vez, já se colocam na condição de aguardar até que surjam novos pedidos do varejo.

Dessa forma, depois do carnaval, quando o consumo voltar à normalidade e o quadro de oferta ficar mais definido, é que poderemos ter uma melhor avaliação do comportamento dos preços do produto.

FEIJÃO-COMUM PRETO

No atacado paulista, o mercado segue dentro do seu quadro de poucos negócios. A oferta vem sendo boa, porém a demanda dos compradores continua fraca, e o mercado vem sendo abastecido com a produção da safra nacional e produtos importados da Argentina.

A primeira safra se encontra no final de colheita. Quanto à segunda safra, a semeadura começou no início de janeiro, atingindo, no Paraná, cerca de 40% da área estimada ao cultivo. As lavouras atravessam as fases de germinação e desenvolvimento vegetativo.

FEIJÃO TOTAL

Para a temporada em curso, prevê-se o seguinte: computando as três safras, o trabalho de campo, realizado por técnicos da Conab em janeiro, chega em um volume médio de produção estimado em 2,97 milhões de toneladas, 2,1% abaixo da anterior.

Em se tratando da balança comercial, de janeiro a dezembro de 2023, foram importadas 69 mil toneladas, isto é, 7,1 mil toneladas a menos que os números registrados no mesmo período de 2022. Já as exportações atingiram, no mesmo período, 139 mil toneladas, 2,9 mil toneladas acima das 136,1 mil toneladas registradas no ano anterior, visto que 55% saíram do Mato Grosso, com destaque para a Índia, com 41%, Egito, com 11%, e Vietnã, com 10%.

Nesse cenário, partindo-se do estoque inicial de 324,9 mil toneladas, o consumo em 2.850 milhões de toneladas, as importações em 100 mil toneladas e as exportações de 150 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem na ordem de 398 mil toneladas, volume que deverá contribuir para a manutenção da normalidade do abastecimento interno.

TABELA 10 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2017/18	322,8	3.116,1	81,1	3.520,0	3.050,0	162,7	307,3
2018/19	307,3	3.017,7	150,8	3.475,8	3.050,0	166,1	259,7
2019/20	259,7	3.222,1	113,6	3.595,4	3.150,0	176,7	268,7
2020/21	268,7	2.893,8	83,1	3.245,6	2.893,8	223,7	128,1
2021/22	128,1	2.990,2	76,1	3.194,4	2.850,0	136,1	208,3
2022/23	208,3	3.036,6	69,0	3.313,9	2.850,0	139,0	324,9
2023/24	jan/24	329,9	3.029,6	100,0	3.459,5	2.850,0	444,5
	fev/24	324,9	2.973,1	100,0	3.398,0	2.850,0	398,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2024.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de feijão, [clique aqui](#).



MILHO

ÁREA

20.444,2 mil ha

-8,2%

PRODUTIVIDADE

5.561 kg/ha

-6,1%

PRODUÇÃO

113.696,2 mil t

-13,8%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab

MILHO PRIMEIRA SAFRA

TABELA 11 - MILHO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	5.082,1	5.275	26.810,7
2018/19	4.103,9	6.249	25.646,7
2019/20	4.235,8	6.065	25.689,6
2020/21	4.348,4	5.686	24.726,5
2021/22	4.549,2	5.501	25.026,0
2022/23	4.444,0	6.160	27.373,2
2023/24	jan/24	3.968,6	24.384,8
	fev/24	3.931,9	23.607,0

Fonte: Conab.

O plantio da primeira safra de milho 2023/24 ainda ocorre no Pará, Maranhão e Piauí, alcançando 95,3% da área prevista de cultivo, e continua atrasado em relação à última safra devido à demora na regularização das chuvas no Norte e Nordeste do país. A colheita, porém, encontra-se mais adiantada em relação ao mesmo período da última safra, e já alcança 13,8% da área prevista, com o Rio Grande do Sul liderando os trabalhos. Os resultados obtidos, até o momento, estão aquém dos esperados pelos agricultores e do potencial da

cultura, devido, principalmente, aos extremos climáticos ocorridos durante o desenvolvimento desta, que foram diretamente influenciados pelo fenômeno El Niño.

O excesso de precipitações e a baixa luminosidade, durante boa parte do ciclo da cultura, foram os principais fatores responsáveis pela diminuição do potencial produtivo do milho na Região Sul e São Paulo.

Para a safra 2023/24, a área cultivada está estimada em 3.931,9 mil hectares, 11,5% inferior ao registrado na última safra, com nova redução de área registrada neste levantamento. A produção esperada é de 23.607 mil toneladas, 13,8% inferior ao obtido no último ciclo de cultivo.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: o plantio está praticamente finalizado, restando apenas 1% da área prevista, que será semeada em fevereiro. A cultura apresenta todos os estádios fenológicos no campo, com 30% da área colhida até o fim de janeiro. Os resultados obtidos, até o momento, estão aquém dos esperados pelos agricultores e do potencial da cultura, que é superior a 10.000 kg/ha nas áreas com bom pacote tecnológico e que representa mais de 70% da área cultivada, principalmente pelas expectativas criadas para um ano de El Niño, onde a escassez hídrica, que assolou as lavouras nas últimas três safras, não ocorreria novamente.

Ocorre que, para as primeiras áreas semeadas, principalmente no Alto Uruguai e Missões, as precipitações ocorridas em setembro, outubro e parte de novembro, foram muito volumosas e recorrentes. Esta condição, associada aos vários dias nublados do período, prejudicou o desenvolvimento

vegetativo das plantas e, posteriormente, a polinização e o enchimento de grãos.

A manutenção de alta umidade do ar e do solo encharcado também favoreceu a infecção das plantas por doenças fúngicas e pela bacteriose, bem como impediu a entrada das máquinas nas lavouras para realização dos manejos fitossanitários das pragas nos momentos necessários.

Para estas áreas, já colhidas, observou-se produtividade média nas áreas de sequeiro de 4.800 kg/ha a 6.000 kg/ha e, nas áreas irrigadas, entre 7.200 kg/ha e 7.800 kg/ha. Nas lavouras semeadas mais tardiamente, a partir de setembro, principalmente no Planalto Médio, as precipitações da primavera também foram prejudiciais, mas a diminuição das chuvas e a ocorrência de mais dias de sol a partir de novembro, favoreceram a cultura.

Estas áreas estavam em plena colheita no período de realização deste levantamento, e se observam produtividades acima das observadas nas primeiras lavouras. No Planalto Superior, a maior parte da semeadura ocorreu a partir de outubro e, apesar de também serem observados os mesmos problemas das demais regiões, a condição das lavouras ainda é boa, e a expectativa de produtividade é superior a 7.500 kg/ha.

Nas demais regiões do estado a semeadura é feita de forma escalonada, dentro da janela de semeadura, e o pacote tecnológico adotado pelos agricultores é menor, assim, as condições das lavouras são diversas. Diante dos resultados obtidos, até o momento, bem como pela proporção de lavouras ainda no campo, foi mantida a expectativa de produtividade inicial de 6.474 kg/ha.



Foto 9 - milho 1º safra pronto para a colheita Sarandi-RS

Fonte: Conab.

Paraná: o clima afetou negativamente a cultura na germinação e desenvolvimento inicial devido ao excesso hídrico, baixa luminosidade e às baixas temperaturas, afetando o ciclo da cultura. Posteriormente, o clima mais seco e as altas temperaturas de dezembro e parte de janeiro, comprometeram ainda mais o desempenho das lavouras, afetando a sua produtividade, o que resultou numa redução de 10,5% em relação à safra passada e de 7,6% em relação ao último levantamento. A cultura já tem 13% da sua área colhida, com o restante delas nos estádios reprodutivos.



Foto 10 - Milho 1º safra maturação Campo Magro PR

Fonte: Conab.

Santa Catarina: as condições climáticas do início da safra, com excesso de chuvas atrasando o plantio e dificultando os tratos culturais, inundação de lavouras já em desenvolvimento, perda de nutrientes e muitos dias nublados, reduziram a fotossíntese e o potencial produtivo da cultura, bem como o prognóstico do rendimento inicial.

A colheita avança na região conforme as condições climáticas permitem. Nos últimos dias, a operação foi mais lenta em virtude das chuvas, que voltaram a ocorrer em praticamente todos os municípios, após alguns dias de estiagem. Esta falta de precipitações perdurou por quase duas semanas, o que fez com que algumas lavouras sentissem a falta de umidade, a qual estavam acostumadas, resultando em murchamento foliar. A produtividade das primeiras lavouras colhidas já mostra uma tendência de redução, embora boa parte da área ainda se encontre na fase de formação de grãos, estas estão sendo beneficiadas pela volta das chuvas.

Minas Gerais: as adversidades climáticas, registradas no final do ano passado, interferiram sobremaneira na safra de milho verão, visto que em diversos períodos o plantio chegou a ser interrompido, atrasando a semeadura do milho primeira safra. A região noroeste do estado, principal produtora, foi severamente afetada pelas ondas de calor e pela má distribuição das chuvas. Em casos mais extremos daquela região o seguro rural foi acionado. Já as lavouras que se encontram em período reprodutivo apresentam pequeno porte e espigas pequenas devido à restrição hídrica ocorrida na fase reprodutiva.

Por outro lado, as lavouras do cereal na parte sul do estado e no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, apresentam melhores condições, uma vez que as intercorrências climáticas não foram tão severas quanto naquela região.

Para finalizar, nas regiões de menor aptidão agrícola, ou seja, nas regiões mais secas do estado, registramos perdas de área representativas em âmbito municipal.

Neste levantamento ocorreram reduções tanto na área do cereal quanto na produtividade, e novos ajustes poderão ocorrer no decorrer da safra.

São Paulo: a falta de chuva durante o período vegetativo e altas temperaturas foram altamente prejudiciais para o milho que foi plantado durante setembro e a primeira quinzena de outubro. Este cereal que foi semeado antecipadamente sofreu longo período de estresse, além de intenso ataque de cigarrinha, o que impactou negativamente no potencial produtivo da cultura e resultou nova redução na produtividade estimada.

Goiás: a maior parte das lavouras estão em fase reprodutiva e em enchimento de grãos, com algumas áreas semeadas em janeiro, em substituição à soja.

Devido ao estresse hídrico ocorrido nos meses anteriores, as lavouras que foram semeadas inicialmente apresentaram problemas na polinização e falhas na formação de grãos. Já as semeadas a partir de novembro tiveram melhores condições de desenvolvimento e enchimento de grãos.

Mato Grosso: a regularização da chuva, no final de dezembro, trouxe alívio para a cultura, que em certos momentos de seu desenvolvimento recebeu volumes mínimos de precipitação. As lavouras têm evoluído de modo satisfatório após o período de escassez hídrica ter atingido mais significativamente as primeiras áreas semeadas.

O estágio de maturação predomina na maioria dos roçados. Estima-se uma ligeira redução de produtividade ocasionada pelo estresse hídrico sofrido no início da safra.

Mato Grosso do Sul: períodos de restrição hídrica e temperaturas elevadas geraram impactos irreversíveis na capacidade produtiva das plantas de regiões que semearam mais cedo, reduzindo a expectativa de produtividade média estadual. Atualmente, ocorreu a normalização climática, e quase 90% das lavouras atingiram as fases reprodutivas. Há um pequeno incremento na área cultivada devido à desistência da semeadura de soja em virtude da perda do zoneamento agroclimático.

Não foi constatado ataque relevante de pragas que pudessem prejudicar o rendimento das lavouras, exceto no município de Costa Rica, onde a maior parte da área é cultivada com híbrido sem tecnologia BT, e sofreu com a ocorrência de alta população de lagarta-do-cartucho (*Spodoptera frugiperda*), necessitando de intervenção com inseticidas para controle. Com relação à cigarrinha, há presença nas lavouras, mas tem permanecido em baixa população. Os tratos culturais já foram encerrados em praticamente todas as regiões produtoras.

Distrito Federal: o plantio atrasou por falta de condições adequadas de umidade no solo devido ao atraso na regularização das chuvas. Além disso, as altas temperaturas ocorridas em novembro e dezembro, aliadas às precipitações irregulares, causaram perda do potencial produtivo da cultura.

Bahia: as chuvas ocorridas durante janeiro criaram boas condições para as lavouras de sequeiro cultivadas em dezembro, para o replantio das áreas perdidas e para o avanço da semeadura.

O quadro geral do cultivo é regular, inferior à safra passada e melhor do que o esperado para esta safra. As lavouras semeadas em novembro estão em fase de enchimento e maturação de grãos, e apresentam má qualidade, com expectativa de baixa produtividade. Já as semeadas em dezembro e janeiro

apresentam bom desenvolvimento, estando em fase de desenvolvimento vegetativo e florescimento, com expectativa de boa produtividade.

Em campo, encontramos lavouras desde a germinação até maturação dos grãos, e o plantio deve ser finalizado até meados de fevereiro.



Foto 11 - milho 1º Safra enchimento de grãos Formosa do Rio Preto BA

Fonte: Conab.

Piauí: o plantio foi finalizado na agricultura empresarial no sudoeste piauiense e cerrado, confirmando as estimativas iniciais de redução de área. As lavouras seguem se estabelecendo em boas condições, na sua maioria, encontrando-se em desenvolvimento vegetativo, em quase sua totalidade.



Foto 12 - Milho 1ª safra - Desenvolvimento vegetativo - Baixa Grande do Ribeiro-PI

Fonte: Conab.

Maranhão: o plantio da primeira safra de milho ocorre desde novembro, e deve se prolongar até meados de fevereiro de 2024. No fim de janeiro, a semeadura da primeira safra alcançava 75% da área prevista para o estado. As lavouras se encontram entre emergência e floração.

Na região sul, a semeadura foi iniciada em novembro de 2023, após o plantio da soja, e com redução de área devido à preferência do produtor pelo cultivo da oleaginosa.

Nas regiões oeste e centro do estado, evidenciamos que as lavouras, à semelhança das outras culturas pesquisadas, permanecem com reflexos do cenário climático desfavorável no fechamento da semeadura e no estabelecimento da cultura, com perda do potencial produtivo. Nas regiões do norte maranhense; no Médio Mearim, no centro maranhense; e na maior parte do leste maranhense, o plantio foi iniciado em janeiro e deve ser finalizado em meados de fevereiro de 2024.



Foto 13 - milho 1ª Safra em desenvolvimento vegetativo - estresse hídrico Balsas MA

Fonte: Conab.

Ceará: o baixo volume de chuvas, com precipitações abaixo das médias históricas, tem provocado atraso no plantio em todas as regiões do estado.

Pará: o período chuvoso vai se fortalecendo, mas a janela de plantio para o milho foi prejudicada devido às precipitações irregulares. Em visita ao Polo Paragominas, observou-se poucas lavouras implantadas, estando nas fases iniciais de desenvolvimento e em emergência.

A semeadura no estado alcança 80% da área prevista e deverá ser finalizada no final de fevereiro. Apesar do atraso na implantação, as lavouras apresentam bom desenvolvimento.

Tocantins: as chuvas têm ocorrido de forma mais abrangente e vêm contribuindo para o bom desenvolvimento das lavouras, principalmente em áreas que estão em fase de enchimento de grãos.

Acre: no plantio de primeira safra, que representa a maior área no estado, ocorreu situações adversas devido ao fenômeno El Niño, prejudicando a sua implantação e o seu desenvolvimento inicial. A partir de dezembro houve uma melhoria na regularidade das precipitações, favorecendo o plantio o desenvolvimento da cultura.

Rondônia: as altas temperaturas enfrentadas e a estiagem prolongada desencorajaram a implantação das lavouras do milho no início do ano-safra, principalmente na parte centro-norte do estado. Na região mais ao sul, as áreas semeadas puderam contar com precipitações mais frequentes, ainda que sem a regularidade habitual.

Somente após as chuvas se estabilizarem em dezembro é que foram observadas as habituais lavouras da primeira safra nas demais regiões.

Atualmente, as lavouras se encontram em diversos estágios de desenvolvimento, e apresentam bom desempenho.

Amazonas: na primeira quinzena de novembro, de forma discreta, começaram a surgir as primeiras chuvas, animando os produtores familiares para o começo do plantio, sendo este concluído em dezembro. Já no sul do estado, a expectativa é de plantio após a colheita da soja.

QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO PRIMEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2023/2024											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense	1,28					S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	
TO	Ocidental do Tocantins	0,87				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
	Oriental do Tocantins	0,84				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
MA	Oeste Maranhense	1,29					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Centro Maranhense	0,49					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Leste Maranhense	0,49					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sul Maranhense	3,68				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PI	Sudoeste Piauiense	7,57				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano	5,89				S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense	0,91				S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
GO	Centro Goiano	0,82					S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Leste Goiano	1,70				S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
	Sul Goiano	3,13				S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
DF	Distrito Federal	0,48				S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas	4,27			S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
	Norte de Minas	0,74			S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	8,02			S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
	Oeste de Minas	1,72			S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG/M	EG/M	M/C	C	C		
	Sul/Sudoeste de Minas	4,27			S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG/M	EG/M	M/C	C	C		
	Campo das Vertentes	2,27			S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG/M	EG/M	M/C	C	C		
	Zona da Mata	0,60			S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG/M	EG/M	M/C	C	C		

Continua

Legenda - Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2023/2024											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
SP	São José do Rio Preto	0,82			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Ribeirão Preto	0,79			S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Bauru	1,17			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Campinas	1,77			S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Itapetininga	2,14			S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista	0,79			S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Pioneiro Paranaense	0,58		S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
PR	Centro Oriental Paranaense	2,62		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudoeste Paranaense	0,66		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Centro-Sul Paranaense	3,22		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudeste Paranaense	1,74		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Metropolitana de Curitiba	2,03		S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C		
SC	Oeste Catarinense	4,50		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Norte Catarinense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Serrana	1,53		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Vale do Itajaí	0,82		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sul Catarinense	0,67		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
RS	Noroeste Rio-grandense	6,85	S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Nordeste Rio-grandense	1,63		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,46	S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Centro Oriental Rio-grandense	1,07		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Metropolitana de Porto Alegre	0,73		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudoeste Rio-grandense	0,81		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudeste Rio-grandense	0,83		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

MILHO SEGUNDA SAFRA

TABELA 12 - MILHO SEGUNDA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	12.878,0	5.682	73.177,7
2019/20	13.755,9	5.456	75.053,2
2020/21	14.999,6	4.050	60.741,6
2021/22	16.369,3	5.247	85.892,4
2022/23	17.179,6	5.948	102.179,0
2023/24	jan/24	17.192,7	91.235,1
	fev/24	15.879,8	88.098,5

Fonte: Conab.

O plantio da segunda safra de milho alcançou 13,8% da área prevista para o cultivo e está adiantada em relação ao último ciclo, que no mesmo período alcançava apenas 3,9% da área. Esta antecipação no cultivo ocorreu principalmente pela antecipação do ciclo da soja em Mato Grosso e no Paraná, causado pelos extremos climáticos ocorridos devido à influência do fenômeno El Niño.

Para a safra 2023/24, a área cultivada está estimada em 15.879,8 mil hectares, 7,6% inferior ao registrado na última safra, com nova redução de área registrada neste levantamento. A produção esperada é de 88.098,5 mil toneladas, 13,9% inferior ao obtido no último ciclo de cultivo.

A redução na área cultivada é devida às baixas cotações do cereal e atraso do plantio da soja, o que reduzirá a janela ideal de cultivo, além do temor dos agricultores sobre uma possível redução das precipitações a partir de abril.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: as precipitações têm ocorrido de forma regular e bem distribuídas, proporcionando condições favoráveis ao desenvolvimento inicial das lavouras de milho de segunda safra. A semeadura vem ganhando ritmo na proporção em que as áreas ocupadas com soja vão sendo colhidas. Estima-se que 18,75% do espaço estadual dedicado à cultura tenha sido implantado até o fechamento em janeiro.

Apesar do clima favorável, associado à janela ideal de cultivo para a implantação da cultura, estima-se que, em relação à safra passada, haja uma considerável redução na produção mato-grossense, motivada pelas reduções de área e investimento tecnológico por uma parcela significativa dos produtores. Em termos sanitários e nutricionais, as lavouras têm apresentado boa evolução vegetativa, todavia, ataques de pragas e doenças foram registrados em maior frequência, mas seguem controlados.

Paraná: o plantio alcança 22% da área prevista para ser cultivada no ciclo 2023/24. As lavouras se encontram em emergência e desenvolvimento vegetativo, e foram semeadas majoritariamente no oeste, centro ocidental e sudoeste paranaense, onde já ocorreram colheitas de lavouras de soja.

As precipitações que ocorreram ao longo de janeiro foram irregulares, porém, na terceira semana deste mês ocorreram maiores volumes na maior parte das regiões produtoras, o que permitiu o avanço dos plantios em algumas regiões e o bom desenvolvimento das lavouras.

A redução de área prevista é devida as baixas cotações e alto custo de produção. No entanto, em algumas regiões, ainda poderá haver certa recuperação ao longo da janela de plantio, tendo em vista o encurtamento do ciclo da soja primeira safra e possível plantio em período favorável para a produção do milho.

Mato Grosso do Sul: os primeiros talhões foram implantados sob ótima condição de umidade no solo e, até o encerramento deste relatório, as condições climatológicas estavam adequadas às operações de semeadura, germinação, emergência e desenvolvimento inicial das lavouras.



Foto 14 - Milho 2ª safra - emergência - Chapadão do Sul-MS

Fonte: Conab.

Foi constatado uma redução significativa na área cultivada comparativamente à safra anterior, consequência principalmente de preços incompatíveis com os custos de produção. Grande parte dos produtores ainda não adquiriram a totalidade dos insumos e estão aguardando a evolução da colheita da soja, e acompanham o comportamento climático e das condições de mercado para então definir o montante final a ser cultivado. A expectativa é de redução nos investimentos na cultura, o que deverá impactar na produtividade média estadual.

Goiás: aproximadamente 10% das áreas foram semeadas. A redução de área ainda depende das condições climáticas para as próximas duas quinzenas, e sua implantação ocorre simultaneamente à colheita da soja. É recorrente as informações sobre redução de áreas em todos os municípios pesquisados em virtude do encurtamento da janela e às previsões climáticas menos



Foto 15 - Milho 2ª safra em desenvolvimento vegetativo - Mineiros-GO

Fonte: Conab.

otimistas. Nota-se em algumas regiões aumento na comercialização de sementes de diversos tipos de brachiárias, visando estabelecimento de boa produção de palhada e aumento da procura por sementes de sorgo. Até o momento, as condições estão favoráveis para o estabelecimento da cultura.

Minas Gerais: com o início da colheita da soja, tivemos também as primeiras áreas de milho segunda safra semeadas. Devido ao atraso da semeadura da oleaginosa, que se estendeu quase 30 dias além da normalidade e às chuvas acima da média prevista para fevereiro, o produtor terá uma janela estreita para o plantio. No entanto, o encurtamento de ciclo verificado nas lavouras de soja pode amenizar esses obstáculos da janela de plantio do milho safrinha.

Desde o início do ciclo 2023/24 temos indícios que a área a ser cultivada com o cereal na segunda safra perderá espaço, seja para o sorgo, para culturas de inverno, ou até mesmo para cultivos de cobertura, pois além de restrições cronológicas para o plantio, registramos menores volumes de sementes de milho segunda comercializados em relação ao mesmo período de anos anteriores.

Para finalizar, soma-se a isso o aumento da demanda por sementes de sorgo em importantes regiões produtoras. Vale ressaltar também que esperamos correções no que se refere à produtividade, seja por um cenário climático para a segunda safra menos favorável quando comparado ao ano anterior, e pela redução do investimento no pacote tecnológico por parte do produtor, uma vez que a safra atual de verão não entregará margens tão expressivas quanto à safra 22/23.

São Paulo: o plantio foi iniciado no estado, e seu ritmo é ditado pelo avanço da colheita da soja.

Bahia: o plantio deverá iniciar em fevereiro, após a colheita da soja, e é esperada uma redução da área cultivada em virtude dos preços pouco atrativos do cereal.

Piauí: a semeadura deve iniciar-se em fevereiro, porém com perspectiva de redução de área devido às baixas cotações do cereal e pela diminuição da janela ideal de plantio, causada pelo atraso no plantio da soja.

Maranhão: o plantio foi iniciado aos poucos, no fim de janeiro, em áreas produtoras da Serra do Penitente e da região da Batavo, na região dos Gerais de Balsas, onde houve a colheita da soja semeada em outubro de 2023. Essa operação deve seguir até março de 2024, com a intensificação da colheita da soja. É esperada uma redução de 9% em relação à safra anterior, em razão do atraso da semeadura da soja, assim como o replantio de diversas áreas da oleaginosa, o que reduziu a janela ideal para o plantio da cultura.

Pernambuco: a semeadura da segunda safra de grãos no sertão pernambucano comumente inicia-se em janeiro, junto com período chuvoso, contudo as precipitações registradas nesse mês vêm ocorrendo de forma

concentrada e efêmera, com subsequente período de estiagem. A falta de umidade no solo tem levado produtores a substituir a produção de grãos pela pecuária e outros tem postergado o plantio no aguardo de umidade adequada no solo. Muitas áreas implantadas germinaram, e sofrem sob efeito do estresse hídrico, e o plantio alcança 6% da área prevista.

Pará: o plantio será impactado pelo atraso no plantio da soja, que ocorreu nos principais polos produtores, de Santarém e Paragominas, que em pleno fim de janeiro não concluíram seus plantios de soja. O plantio foi iniciado timidamente no polo de Redenção e na região da BR-163, após a colheita das primeiras áreas de soja.

A estimativa é de um recuo de 10% da área dedicada para a cultura, motivados principalmente pela redução da janela ideal de cultivo e pelas baixas cotações do cereal.

Tocantins: o plantio foi iniciado em algumas regiões do estado, em áreas semeadas precocemente com a soja e em lavouras que tiveram o seu ciclo



Foto 16 - Milho 2º safra em desenvolvimento vegetativo Campos Lindos-TO

Fonte: Conab.

antecipado devido às intempéries climáticas. A redução de área prevista é de 10% em relação à última safra, por conta do atraso do plantio da soja, e consequente redução da janela ideal de plantio, e a baixa cotação do cereal. As áreas não semeadas poderão migrar para outras culturas ou semeadas com gramíneas para produção de palhada.

QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO SEGUNDA SAFRA

Legenda - Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2023/2024								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Madeira-Guaporé	0,28		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
	Leste Rondoniense	1,40		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
PA	Baixo Amazonas	0,44		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	M/C	C	
	Sudeste Paraense	0,36		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	M/C	C	
TO	Ocidental do Tocantins	0,86	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	M/C	C	
	Oriental do Tocantins	0,97	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	M/C	C	
MA	Sul Maranhense - MA	0,98	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	0,75		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
CE	Sertões Cearenses	0,25		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
	Norte Mato-grossense	32,46	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
MT	Nordeste Mato-grossense	6,02	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,74	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro-Sul Mato-grossense	0,56	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense	5,66	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	3,09	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,02	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	M/C	C	C
GO	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	10,92	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Norte Goiano	0,30	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
GO	Centro Goiano	0,36	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,18	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MG	Sul Goiano	9,19	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Noroeste de Minas	0,76		S	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	M/C	C
SP	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,39		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Bauru	0,28		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
SP	Assis	1,14		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Itapetininga	0,86		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2023/2024								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
PR	Noroeste Paranaense	0,90		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Centro Ocidental Paranaense	2,57	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Norte Central Paranaense	3,42		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Norte Pioneiro Paranaense	1,62		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Oeste Paranaense	5,22	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Paranaense	0,81	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	0,29	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2022)/Conab.

MILHO TERCEIRA SAFRA

TABELA 13 - MILHO TERCEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	511,0	2.385	1.218,7
2019/20	535,6	3.305	1.843,6
2020/21	595,6	2.734	1.628,5
2021/22	662,1	3.341	2.211,9
2022/23	632,5	3.406	2.154,4
2023/24	jan/24	631,1	1.983,8
	fev/24	632,5	1.990,9

Fonte: Conab.

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2023/24, a Conab prevê uma produção total de 113,7 milhões de toneladas de milho, um decréscimo esperado de 13,8%, comparada à safra anterior. Essa redução na produção total é resultado do encolhimento da área de milho, com destaque à queda na segunda safra, em conjunto com uma menor produtividade projetada em campo. Cabe destacar que a Conab projeta um decréscimo de 8,2% na área plantada e de 6,1% da produtividade do setor.

Em relação aos dados da demanda doméstica, a companhia acredita que 84,1 milhões de toneladas de milho da safra 2023/24 deverão ser consumidos internamente ao longo de 2024, ou seja, um aumento de 5,7% comparativamente à safra anterior.

Sobre a balança comercial, a Conab projeta uma expansão do volume de importação total para a safra 2023/24, projetada em 2,5 milhões de toneladas do grão, em razão da perspectiva da menor produção nacional. Para as exportações, com a esperada menor oferta nacional, a Conab estima que 32 milhões de toneladas sairão do país via portos, sendo este volume 42,3% inferior ao estimado para a safra 2022/23. Nesta conjuntura, acredita-se que a redução da produção brasileira, somada à maior oferta disponível no mercado internacional, em meio à boa safra norte-americana, deverá reduzir o volume de exportações brasileiras do grão em 2024. Com isso, o estoque de milho em fevereiro de 2025, ou seja, ao fim do ano safra 2023/24, deverá ser de 6,5 milhões de toneladas, sendo este montante 1,2% superior ao da safra 2022/23.

TABELA 14 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - MILHO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2017/18	15.739,4	80.709,5	900,7	97.349,6	59.048,4	23.742,2	14.558,9
2018/19	14.558,9	100.042,7	1.596,4	116.198,0	61.937,4	41.074,0	13.186,6
2019/20	13.186,6	102.586,4	1.453,4	117.226,4	67.021,4	34.892,9	15.312,1
2020/21	15.312,1	87.096,8	3.090,7	105.499,6	71.168,6	20.815,7	13.515,3
2021/22	13.515,3	113.130,4	2.615,1	129.260,8	74.534,6	46.630,3	8.095,9
2022/23	8.095,9	131.892,6	1.500,0	141.488,5	79.598,9	55.500,0	6.389,6
2023/24	jan/24	5.940,7	117.603,5	2.100,0	125.644,2	84.367,4	6.276,8
	fev/24	6.389,6	113.696,2	2.500,0	122.585,8	84.117,8	6.468,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2024.

Estoque de passagem 31 de janeiro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).



SOJA

ÁREA

45.088,6 mil ha

+2,3%

PRODUTIVIDADE

3.314 kg/ha

- 5,5%

PRODUÇÃO

149.403,1 mil t

-3,4%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 15 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - SOJA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)	
2017/18	35.149,2	3.507	123.258,9	
2018/19	35.874,0	3.337	119.718,1	
2019/20	36.949,7	3.379	124.844,8	
2020/21	39.531,2	3.526	139.385,3	
2021/22	41.492,0	3.026	125.549,8	
2022/23	44.080,1	3.507	154.609,5	
2023/24	jan/24	45.259,5	3.431	155.269,3
	fev/24	45.088,6	3.314	149.403,7

Fonte: Conab.

O plantio da safra de soja 2023/24 alcançou, no final deste levantamento, 99,4% da área estimada, restando apenas áreas no Pará e Maranhão, que tradicionalmente são as últimas a serem semeadas. A colheita, por sua vez, avançou em 14% da área cultivada no início de fevereiro, bem acima dos 8,9% registrados na última safra. Isso se deve pelo encurtamento do ciclo da soja devido às altas temperaturas e reduzidas precipitações registradas durante o desenvolvimento da cultura, principalmente no Mato Grosso e Paraná.

Esses extremos climáticos ocorridos durante o ciclo da soja impactaram diretamente no potencial produtivo da cultura, ocasionando redução na produtividade em praticamente todos os estados produtores. A principal exceção, até o momento, é o Rio Grande do Sul, que após duas quebras de safras consecutivas ainda mantém boas perspectivas de produtividade, mas que depende de condições climáticas favoráveis em fevereiro para se confirmar.

Em Mato Grosso, Goiás e Mato Grosso do Sul, a melhor distribuição das precipitações em janeiro permitiu uma boa recuperação das lavouras semeadas a partir de novembro, mas não foram capazes de compensar as perdas das áreas semeadas no início da safra.

No Matopiba, esse retorno das chuvas também melhorou a condição das lavouras, principalmente na Bahia, mas continuaram bem irregulares no Tocantins. No Paraná e em São Paulo, as altas temperaturas e a redução drástica das chuvas ocorridas após a segunda quinzena de dezembro, afetaram fortemente as lavouras que se encontravam em florescimento e enchimento de grãos, com impactos negativos expressivos na produtividade desta cultura.

Neste levantamento, a produtividade estimada sofreu nova redução, recuando para 3.314 kg/ha, 5,5% inferior ao obtido na última safra e passível de novas reduções com o andamento da colheita no país. A produção esperada também foi reduzida para 149.403,7 mil toneladas, 3,8% inferior ao último levantamento e 3,4% inferior à da safra 2022/23, a maior da série histórica.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: a colheita de soja atingiu 30,1% do espaço dedicado à cultura durante este levantamento. Devido à ausência de chuva consistente nos primeiros meses da safra de soja, em boa parte das lavouras, ocorreu redução da produtividade de modo acentuado nos primeiros lotes colhidos. Contudo, as chuvas ocorridas em dezembro e no início de janeiro contribuíram significativamente para a recuperação de parte do potencial produtivo da cultura, acrescentando por um ligeiro aumento no rendimento estadual, porém insuficiente para elevar a produção a um patamar próximo ao da safra anterior. Devido ao atraso na semeadura ou mesmo replantio, verificam-se lavouras nos mais variados estádios de desenvolvimento, que vão desde a floração até o ponto de colheita, assim, a atual safra aponta que os trabalhos de colheita vão se estender para além de abril. Neste levantamento, a produtividade média esperada sofreu nova redução e está estimada agora em 3.184 kg/ha, 15,6% inferior ao registrado na última safra e 11,8% menor que a primeira estimativa da Conab.



Foto 17 - Soja desenvolvimento vegetativo Paranatinga-MT

Fonte: Conab.

Rio Grande do Sul: após a ocorrência de condições meteorológicas desfavoráveis para a implantação da cultura em outubro e novembro, dezembro e janeiro tiveram chuvas menos volumosas e mais espaçadas, além de dias com boa radiação solar, permitindo a evolução da semeadura e bom desenvolvimento inicial da cultura.

A semeadura da cultura ocorreu em 2% da área em outubro, 53% em novembro, 41% em dezembro e 3% em janeiro. A operação ainda não foi finalizada, restando 1% das áreas que aguardam a conclusão da colheita do milho para a finalização da semeadura em sucessão ao cereal. Quase metade das áreas já alcançaram o período reprodutivo, estando o restante em desenvolvimento vegetativo e 1% ainda em emergência.

As lavouras em enchimento de grãos, as primeiras a serem semeadas, foram mais impactadas pelas precipitações durante a sua semeadura e estabelecimento inicial. As condições climáticas posteriores favoreceram o desenvolvimento das lavouras, que atualmente apresentam boas condições, embora tenham sido prejudicadas em seu potencial produtivo, inclusive pela redução do porte das plantas. Quanto à sanidade, apresentam boas condições e com controle efetivo por parte dos agricultores. As lavouras em florescimento e final do desenvolvimento vegetativo são as que apresentam as melhores condições dentre as áreas cultivadas no estado.

As plantas apresentam bom porte e sanidade, e foram semeadas no período adequado e não sofrendo com excesso ou falta de precipitações em dezembro e janeiro. As áreas semeadas após 20 de dezembro também apresentam, em sua maioria, boas condições, mas o atraso na implantação da cultura leva à expectativa inferior de produtividade.

Em todo o Rio Grande do Sul há relatos do aparecimento de focos de

ferrugem asiática, mas o produtor tem experiência para o monitoramento e controle da doença e realiza as aplicações nos momentos adequados. Os manejos apresentam boa eficiência em razão das condições meteorológicas favoráveis para sua realização. Em algumas regiões, também há relatos da ocorrência de mofo-branco, mas tal qual para a ferrugem, o manejo é realizado.

De modo geral, a condição das lavouras é boa, mas as condições desfavoráveis no momento da implantação da cultura não permitem melhores expectativas, assim, mantemos a estimativa inicial de produtividade de 3.280 kg/ha. As condições meteorológicas nas próximas semanas serão cruciais na



Foto 18 - Soja em desenvolvimento vegetativo
Rosário do Sul-RS

Fonte: Conab.

Foto 19 - Soja desenvolvimento vegetativo Tu-
panciretã-RS



Fonte: Conab.



Foto 20 - Soja mal estabelecida Rosário do Sul-RS

Fonte: Conab.

determinação da produtividade da cultura na safra 2023/24.

Paraná: inicialmente, o clima afetou negativamente a cultura no plantio, germinação e no seu desenvolvimento inicial, devido ao excesso de chuvas registrado em outubro e novembro. Esse excesso hídrico causou erosões em algumas áreas, além disso, a baixa luminosidade registrada, devido às chuvas frequentes, também prejudicou o desenvolvimento inicial da cultura.

Posteriormente, com as condições climáticas mais secas e demasiadamente quentes em dezembro e parte de janeiro, houve uma piora nas condições das lavouras, afetando ainda mais as suas produtividades e provocando encurtamento do ciclo da soja, abortamento de vagens e de grãos, nas regiões norte e oeste e, principalmente, naquelas áreas implantadas em solo arenoso e com pouca palhada. Essa situação se prolongou até a terceira semana de janeiro, quando ocorreram maiores precipitações na maior parte das regiões produtoras, beneficiando as lavouras mais tardias, mas atrapalhando as operações de colheita.

Até o presente momento, a produtividade estimada das lavouras tem redução

de 13,2% em relação à última safra e 10,1% em relação ao último levantamento, estimada em 3.350 kg/ha.

Atenta-se ao fato que, a redução da produtividade desta cultura deve-se,



Foto 21 - Soja desenvolvimento vegetativo Passo Lindo-PR

Fonte: Conab.

Foto 22 - Soja enchimento de grãos Pitanga-PR



Fonte: Conab.

principalmente, às condições climáticas registradas a partir da segunda quinzena de dezembro e relatadas anteriormente.

Santa Catarina: o plantio da safra normal se encontra finalizado. O plantio da

segunda safra está iniciando nas restevas de milho, principalmente, colhido há poucos dias, e chega a 30% da área estimada no meio oeste.

As primeiras lavouras colhidas já mostram uma redução do potencial produtivo. O excesso de chuva durante o plantio e desenvolvimento das plantas impactaram a qualidade e o potencial das lavouras. Doenças como a ferrugem asiática estão presentes em boa parte das lavouras mais precoces, necessitando maior atenção por parte do produtor.

Com as chuvas ocorridas nos últimos dias, os tratamentos fitossanitários ficaram comprometidos em parte, o que tende a aumentar a pressão dos patógenos. Contudo, esta condição climática, observada atualmente, tem melhorado a qualidade das lavouras que ainda estão em fase reprodutiva, haja vista que a cultura passou por um período de altas temperaturas e falta de chuva por quase duas semanas, no início de 2024, o que causou atraso no desenvolvimento de algumas lavouras, que estavam acostumadas com bons níveis de umidade do solo.

Goiás: o plantio só foi finalizado nos primeiros dias de janeiro por conta da irregularidade das precipitações. Devido ao estresse hídrico e luminoso ocorrido, observamos muitas lavouras com falhas nos estandes.

Quanto ao aspecto fitossanitário, houve pouca incidência de pragas e doenças. Foram observados ataques de mosca-branca e, em alguns casos, de ataque de Lagartas do Complexo Spodoptera, sendo este uma pressão de alerta para se intensificar o controle.

A colheita avança, com 10% das áreas já colhidas. Estas áreas representam as cultivares de ciclo precoce, que ocupam de 5% a 15% da área da maioria das regiões produtoras e foram as mais atingidas pelos estresses luminoso, térmico e hídrico. Os rendimentos variam de 5 scs/ha a 35 scs/ha. Essas áreas

também tiveram seus ciclos encurtados, manifestando em uma produção de grãos pequenos e leves.

Algumas lavouras pontuais foram erradicadas devido à seca e semeadas com outras culturas como milho, girassol ou mesmo gergelim. O melhor regime de chuvas em janeiro, comparado a dezembro, melhorou as condições gerais da cultura, porém ainda carecem de um bom volume de chuvas para formação e



Foto 23 - Soja desenvolvimento vegetativo Jataí-GO

Fonte: Conab.

enchimento de grãos. As chuvas ainda são consideradas esparsas e de volumes variados, alternados com presença de sol.

Mato Grosso do Sul: ainda em dezembro ocorreram eventos de temperaturas elevadas e restrição hídrica no estado, o que gerou novas perdas produtivas reportadas neste levantamento. O clima normalizou somente a partir de janeiro, onde não houve calor extremo e melhorou a distribuição e volumes das chuvas.

Atualmente, há umidade disponível no solo e previsões de chuvas para a próxima semana que, se concretizarem, manterão as adequadas condições

climatológicas para a evolução das lavouras que foram semeadas a partir de meados de outubro e que ainda apresentam boa capacidade de produtiva.

Houve surto de algumas pragas durante este período avaliativo, com destaque para a mosca-branca (*Bemisia tabaci*) e trips (*Frankliniella schultzei*), que demandaram até três aplicações sequenciais para controle populacional.

Chama a atenção a ocorrência do percevejo-marrom (*Euchistus heros*) em todo o estado, mas sua população é controlada sem causar prejuízos e custos além do esperado. Já as doenças, pouco têm se manifestado, mesmo nas lavouras mais próxima da maturação, pois a permanência de maior período com baixa umidade desfavoreceu os agentes causais como fungos e bactérias.

Conforme já esperado, os primeiros talhões colhidos tiveram a produtividade fortemente afetada pelas intempéries, mas aqueles semeados a partir de meados de outubro apresentam boa expectativa produtiva, com exceção



Foto 24 - Soja colheita - Chapadão do Sul-MS

Fonte: Conab.

dos muito tardios, implantados em dezembro, que devem ter aumentada a pressão de pragas e doenças.

Minas Gerais: devido às adversidades climáticas ao longo do início da safra 2023/24, o plantio e replantio da soja se estendeu até o final de dezembro, na maioria das áreas. Desde então, observamos melhoras significativas das condições climáticas. Logo, as lavouras que foram semeadas tardiamente apresentam excelente desenvolvimento, podendo compensar parte das perdas daquelas que foram semeadas até meados de novembro. Vale ressaltar que a previsão climática para o estado em fevereiro é de precipitações acima da média.

Entre os fatores que contribuem para a quebra de produção das primeiras lavouras semeadas podemos citar: redução de estande, que em muitos casos progrediu para replantio; perda de folhas baixas; anelamento com evolução para tombamento/ abortamento de flores e de canivetes; além do encurtamento de ciclo.

Devemos frisar também que as elevadas temperaturas reduziram a taxa fotossintética da planta, que culminou em um menor número de vagens e em uma granação aquém do esperado, visto que esses fatos foram confirmados na maioria das áreas colhidas neste início de safra, principalmente nas de sequeiro. Já os efeitos deletérios nas lavouras irrigadas foram de menor intensidade.

Em relação aos aspectos fitossanitários, destacamos grande pressão exercida pela mosca-branca em áreas do noroeste mineiro. Os produtores têm encontrado dificuldades para controlar a praga.

Estima-se que aproximadamente 6% das áreas já estavam colhidas ao final do levantamento. Apesar do atraso no plantio, as operações de colheita já estão

mais avançadas que no mesmo período do ano passado, quando tínhamos apenas 1% da área colhida. Tal fato justifica-se pelo encurtamento de ciclo notado no estado. Por fim, registramos leve redução na área cultivada em virtude da desistência do cultivo em algumas áreas que iriam ser semeadas na segunda quinzena de dezembro. Soma-se a isso a correção de produtividade devido aos fatores baixistas citados anteriormente.

São Paulo: as primeiras áreas semeadas foram muito afetadas pelas precipitações irregulares e altas temperaturas, comprometendo fortemente o seu potencial produtivo, causando redução de seu ciclo e queda acentuada de produtividade.

Em contrapartida, a soja que foi semeada a partir da segunda quinzena de outubro e ainda durante novembro, tiveram melhores condições de desenvolvimento. Porém, essas áreas também foram impactadas pela redução das precipitações, a partir da segunda quinzena de dezembro, e pelas altas temperaturas. Pelos motivos apresentados, a estimativa de produtividade foi reduzida neste levantamento para 3.400 kg/ha, 10% inferior ao obtido na última safra.

Distrito Federal: com o plantio finalizado e as precipitações regulares ocorridas em janeiro, muitas áreas que sofreram com as altas temperaturas e chuvas irregulares dos meses anteriores apresentaram boa recuperação. A maioria se encontra nas fases reprodutivas, e as condições climáticas de fevereiro serão decisivas para a definição do rendimento da cultura.

Bahia: as chuvas ocorridas durante janeiro criaram boas condições para as lavouras de sequeiro cultivadas em dezembro, para o replantio das áreas perdidas e para o avanço da semeadura das últimas áreas, além de gerar conforto térmico para lavouras irrigadas.

As lavouras apresentam bom desenvolvimento, com qualidade inferior à safra passada, mas superando as expectativas iniciais. Os estádios da cultura são variados, havendo desde lavouras no estágio inicial de desenvolvimento vegetativo até lavouras em fase de colheita.

Há relatos de infestação por mosca-branca, mas sem perdas significativas. A irregularidade hídrica e altas temperaturas em novembro e dezembro provocaram perdas no florescimento e formação das vagens nas lavouras irrigadas e prejudicou a germinação e crescimento inicial das lavouras de sequeiro. Estima-se o replantio de 14% da área cultivada.

Maranhão: em janeiro, o plantio alcançava 91% da área prevista de cultivo, com atraso em relação à safra anterior devido às chuvas irregulares para implantação e manutenção das lavouras.

Na presente safra, a instabilidade climática tem sido um fator determinante para a evolução dos plantios em todas as regiões pesquisadas. As lavouras apresentam-se desde os estádios de emergência até colheita.

Na região dos Gerais de Balsas, no sul do estado, onde a semeadura foi realizada primeiro, a colheita foi iniciada no final de janeiro. Nesta região, houve expansão de área de plantio em substituição, principalmente, da área de milho primeira safra. No entanto, os produtores tiveram dificuldade de manutenção do estande de plantas, em razão da falta de chuvas e das altas temperaturas. Devido a isso, parte das áreas semeadas passaram por replantio.

Esse cenário reflete em redução da produtividade em diversas localidades da região sul. Na maior parte das regiões oeste e centro maranhense, o cenário evidenciado foi de semeadura atrasada, em relação à safra anterior, em

praticamente todas as lavouras de soja, uma vez que as condições climáticas observadas, com baixas e irregulares precipitações e ocorrência de períodos significativos de estiagem, têm sido limitantes para o estabelecimento das lavouras de soja. No leste maranhense, algumas áreas foram semeadas em dezembro e foram bastante afetadas pela estiagem, ocorrendo replantio em 10% da área. Nesta região, a maior parte do plantio foi iniciado em janeiro e deve ocorrer até meados de fevereiro de 2024, a depender das precipitações.

A produtividade estimada é de 3.268 kg/ha, com redução de 7% em relação à safra anterior, em razão das condições climáticas prejudicadas pelo fenômeno El Niño.



Foto 25 - Soja desenvolvimento vegetativo Balsas-MA

Fonte: Conab.

Piauí: a cultura está com a semeadura praticamente finalizada, restando apenas pequenas áreas da região norte do estado. O quadro fenológico atual apresenta maior parte das lavouras em floração, seguido de enchimento de grãos, desenvolvimento vegetativo e uma pequena parte já em maturação. Cabe ressaltar que o quadro fenológico deveria estar mais uniforme, com lavouras se apresentando em enchimento de grãos, na sua maioria, porém o quadro atual é reflexo do avanço irregular da semeadura em virtude da irregularidade também das chuvas.

As lavouras seguem se estabelecendo em boas condições, na sua maioria, e pelas condições atuais, deve-se confirmar as estimativas iniciais de produtividade.



Foto 26 - Lavoura de soja florescimento. Uruçuí-PI

Fonte: Conab.

Tocantins: as chuvas mais regulares, ocorridas a partir da segunda quinzena de dezembro e janeiro, ajudaram na recuperação de parte das lavouras e no estabelecimento dos plantios tardios e replantios. Porém, este novo cenário climático não foi capaz de compensar as condições climáticas adversas registradas em outubro e novembro.

A colheita está ocorrendo de forma pontual, com produtividades iniciais variando de 1.200 kg/ha a 3.000 kg/ha. Entre os fatores que contribuíram para este cenário estão as chuvas irregulares, diminuição do estande de plantas, escaldadura, abortamento de flores, queda de vagens, menor peso dos grãos, maior pressão por tripes e mosca-branca.

Devido ao atraso e irregularidade das precipitações, o Órgão de Defesa Agropecuária estendeu a semeadura até 20 de janeiro, para atender regiões

que sofreram com situações de seca severa. A estimativa de produtividade para esta safra foi reduzida para 3.060 kg/ha, 16% inferior ao obtido na última safra.



Foto 27 - Soja desenvolvimento vegetativo Goiatins-TO

Fonte: Conab.

Pará: neste 5º levantamento, a soja teve um recuo em sua área estimada devido à desistência de alguns produtores de cultivarem a oleaginosa em razão do atraso na regularização das chuvas. Em muitas regiões esta irregularidade, aliada às altas temperaturas, registradas em novembro e dezembro, causaram um mal estabelecimento da cultura, resultando replantio em centenas de fazendas, além de desenvolvimento irregular e antecipação de ciclo, principalmente no polo de Redenção e da BR163. Nestas regiões a colheita já foi iniciada, com resultados diversos.

Ainda faltam 5% de áreas a serem semeadas, localizadas principalmente nos polos de Santarém e Paragominas. Apesar dos problemas citados, as lavouras, em sua grande maioria, estão com desenvolvimento de regular a bom.



Foto 28 - Soja em enchimento de grãos Santa Maria das Barreiras-PA

Fonte: Conab.

Rondônia: as áreas implantadas na região sul do estado foram favorecidas pela presença de chuvas desde o plantio, enquanto na região centro-norte a realidade foi outra. As chuvas iniciaram de forma muito esporádica e só se firmaram a partir da primeira semana de dezembro, atrasando em muito o calendário agrícola desta safra.

Esta escassez hídrica trouxe prejuízo à dinâmica de produção dos campos. Muitas áreas demonstraram perdas significativas de germinação e fenecimento, sendo necessário o replantio. Outras foram substituídas de pronto por outra cultura, como o arroz, milho e sorgo.

Atualmente, o regime climático se mostra estável, mas já ocorreram perdas irreversíveis de produtividade, já contabilizadas neste levantamento.

No sul do estado já foi iniciada a colheita, e nas demais regiões ainda encontramos lavouras em fase inicial de frutificação até o estágio de maturação dos grãos.

Amazonas: após um longo período de estiagem, atrasando o plantio dos grãos em 60 dias, o plantio foi finalizado, e as lavouras apresentam bom desenvolvimento

Acre: devido às baixas precipitações ocorridas em outubro e novembro, ocasionadas pelo fenômeno do El Niño, houve atraso no plantio da soja. A partir de dezembro ocorreu uma regularização das chuvas que permitiu uma boa implantação e desenvolvimento satisfatório da cultura.

QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - SOJA

Legenda - Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2023/2024								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
RO	Leste Rondoniense	1,18		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C		
PA	Sudeste Paraense	1,65		S/E	E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	1,71		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Oriental do Tocantins	1,43		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
MA	Sul Maranhense	1,85		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense	2,48			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	5,01			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense	19,20	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Nordeste Mato-grossense	6,21		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,86	S/E	S/E/DV	DV/F	F	F/EG/M	M/C	C		
	Sudeste Mato-grossense	4,65	S/E	S/E/DV	DV/F	F	EG/M/C	M/C	C		
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,17		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,25		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	3,53	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
GO	Noroeste Goiano	0,68		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Goiano	0,60		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,65		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,94		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	8,74		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
MG	Noroeste de Minas	1,95		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,19		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	

Continua

Legenda - Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2023/2024								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
SP	Assis	0,84		S/E/DV	E/DV/F	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Itapetininga	1,09		S/E/DV	E/DV/F	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
PR	Centro Ocidental Paranaense	0,92	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Norte Central Paranaense	1,99		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense	1,51		S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Paranaense	1,55		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Oeste Paranaense	1,19	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	0,60	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	1,83		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Paranaense	1,00		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C
SC	Oeste Catarinense	0,76		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense	3,33		S	E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,78		S	E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Rio-grandense	1,18		S	E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	0,92		S	E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

Estoque de passagem 31 de dezembro.

OFERTA E DEMANDA

A produção de grãos de soja, para a safra de 2023/24, teve uma redução de 5,86 milhões de toneladas, passando de 155,27 milhões de toneladas para 149,4 milhões de toneladas. Esta redução na produção é resultado de uma estimativa menor de produtividade, causada por condições climáticas adversas nos principais estados produtores do Brasil. Como consequência, as exportações também serão reduzidas em 4,29 milhões de toneladas, indo de uma estimativa de 98,45 milhões de toneladas para 94,16 milhões de toneladas.

Ademais, houve um pequeno ajuste estatístico na quantidade de soja esmagada, com uma redução de 58 mil toneladas, totalizando aproximadamente 53,36 milhões de toneladas. Este ajuste se deve aos números de produção de biodiesel de 2023 divulgados pela Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). Portanto, estima-se que os estoques finais em 2024 sejam de 2,1 milhões de toneladas.

TABELA 16 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SOJA - EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
SOJA EM GRÃOS	2022/23	5,962.1	154,609.5	181.0	160,752.6	55,515.1	101,862.6	3,374.8
	2023/24	3,374.8	149,403.7	200.0	152,978.5	56,710.8	94,163.5	2,104.2
FARELO	2022/23	1,385.5	40,699.2	0.1	42,084.8	17,800.0	22,597.2	1,687.6
	2023/24	1,687.6	41,086.7	1.0	42,775.3	18,000.0	21,500.0	3,275.3
ÓLEO	2022/23	508.1	10,513.6	21.4	11,043.1	8,395.0	2,337.3	310.8
	2023/24	310.8	10,769.8	20.0	11,100.6	9,300.0	1,500.0	300.6

Fonte: Conab e Secex.

Nota: Estimativa em fevereiro/2024.

Estoque de passagem 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, [clique aqui](#).



TRIGO

ÁREA

3.477 mil ha

+0,1%

PRODUTIVIDADE

2.934 kg/ha

+25,9%

PRODUÇÃO

10.199,8 mil t

+26%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab

TABELA 17 - TRIGO

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018	2.042,4	2.657	5.427,6
2019	2.040,5	2.526	5.154,7
2020	2.341,5	2.663	6.234,6
2021	2.739,3	2.803	7.679,4
2022	3.086,2	3.420	10.554,4
2023	3.473,4	2.331	8.096,8
2024 fev/24	3.477,0	2.934	10.199,8

Fonte: Conab.

Com a finalização da safra 2023, a Conab passa a estimar a safra 2024 a partir desse levantamento. A safra atual ainda não começou a ser semeada, e as estimativas iniciais de produtividade foram geradas por modelos estatísticos e analisadas pelos técnicos da Conab, levando em consideração as condições climáticas que a cultura poderá enfrentar em cada Unidade da Federação, de acordo com as fases.

O trigo brasileiro é cultivado em diversas regiões e épocas distintas, experimentando inúmeros tipos de solo, altitude e condições climáticas,

possibilitando o emprego de diferentes pacotes tecnológicos e resultando em produtividades variadas, de acordo com essas condições.

A fase de planejamento está ocorrendo e ainda não há uma previsão exata da área a ser cultivada, sinalizado incremento no Distrito Federal. As primeiras lavouras de sequeiro devem iniciar a semeadura ainda em fevereiro, nas regiões mais centrais do país.

Quanto à produtividade, a variação de 25,6% acontece devido à safra passada ter apresentado quebra significativa nos principais estados produtores e o ajuste da produtividade, por meio de análises estatísticas, elevá-la a níveis normais.

OFERTA E DEMANDA

Em janeiro de 2024, apesar da escassa oferta de trigo com PH panificável, o mercado apresentou baixa liquidez, com apenas aquisições pontuais devido ao fato de os moinhos ainda estarem abastecidos. A partir de fevereiro, as indústrias devem voltar a fazer aquisições e devem complementar a demanda com aquisições externas. No Paraná, a média mensal foi cotada a R\$ 65,02 a saca de 60 quilos, apresentando desvalorização mensal de 2,31%. Já no Rio Grande do Sul, a média mensal foi de R\$ 63,42 a saca de 60 quilos, com desvalorização de 0,6%.

No mercado internacional, a queda na cotação do petróleo, o fraco desempenho nas exportações semanais nos Estados Unidos e o dólar valorizado em relação às demais moedas, favoreceram a desvalorização mensal de 1,27%, sendo a média mensal da cotação FOB Golfo de US\$ 285,76 a tonelada.

A Conab consolidou os números referentes à área, produtividade e produção da safra 2023, que iniciou em agosto de 2023 e encerra em julho de 2024. Foram plantados 3.473,4 mil hectares (+12,5%), com produtividade de 2.331 kg/ha (-31,8%) e colhidos 8.096,8 mil toneladas (-23,8%). A quebra observada foi em consequência das intempéries climáticas ocorridas no Sul do país. Em relação à Balança Comercial, em julho de 2024, os dados referentes à importação e exportação serão consolidados. A estimativa é que o país aumente o volume importado na ordem de 37%, 6,2 milhões de toneladas. Desta maneira, estima-se encerrar a safra atual com 393,6 mil toneladas.

Já para a safra vindoura, que inicia em agosto de 2024 e encerra em julho de 2025, a Conab iniciou a divulgação com levantamento estatístico. A estimativa inicial é que sejam plantados 3.477 mil hectares, com produtividade de 2.934 kg/ha e que sejam colhidas 10.199,8 mil toneladas de trigo. Diante desta verificação inicial, a previsão é encerrar a próxima safra com 949,4 mil toneladas de estoque final.

TABELA 18 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2018	2.387,4	5.427,6	6.738,6	14.553,6	11.360,8	582,9	2.609,9
2019	2.609,9	5.154,7	6.676,7	14.441,3	11.860,6	342,3	2.238,4
2020	2.238,4	6.234,6	6.007,8	14.480,8	11.599,0	823,1	2.058,7
2021	2.058,7	7.679,4	6.080,1	15.818,2	12.049,8	3.045,9	722,5
2022	722,5	10.554,4	4.514,2	15.791,1	12.394,1	2.656,6	740,4
2023*	2.058,7	7.679,4	6.080,1	15.818,2	12.049,8	3.045,9	722,5
2024**	722,5	10.554,4	4.514,2	15.791,1	12.394,1	2.656,6	740,4

Legenda: (*) Estimativa (**) Previsão.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2024.

Estoque de passagem: trigo 31 de julho.

Para mais informações sobre o progresso da safra de trigo, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

Mato Grosso do Sul: a região produtora de amendoim também apresentou precipitações abaixo da normalidade, mas atenderam as necessidades hídricas mínimas do cultivo, que continua apresentando boas expectativas produtivas.

O clima, predominantemente mais seco, favoreceu a ocorrência de trips, exigindo mais aplicações de inseticidas que somaram, até o momento, cinco pulverizações, quando o normal seriam três para os talhões mais adiantados. Por outro lado, houve redução na pressão de doenças, não sendo verificado sintomas foliares mesmo nas lavouras mais velhas, as quais estão recebendo a quinta dose de fungicida protetor.

Os preços ofertados pela saca de 25 quilos continuam favoráveis aos produtores no estado. Em torno de 60% da produção está vinculada às cédulas de produto rural para garantia do pagamento de insumos, ou seja, produção que já está com venda contratada.

Paraná: o excesso de precipitações registrado em outubro e novembro, assim como períodos secos e quentes em dezembro e janeiro, afetaram a cultura, que tem sua maior parte cultivada na região do noroeste paranaense, especificamente em Paranavaí, concentrando cerca de 80% da área total do estado. Esta região tem solo de característica predominantemente arenosa, o que potencializa situações de perdas em períodos secos e quentes, como aconteceu.

No terceiro decêndio de janeiro, as chuvas retornaram, porém de forma irregular.

A produtividade já apresenta redução em relação à safra passada, causada pelas condições climáticas adversas, no entanto, em relação ao último levantamento, apresenta uma melhora, com base nas condições consideradas boas, na maior parte das lavouras e na ocorrência das chuvas.

A cultura se encontra, principalmente, em floração.

São Paulo: a área atual, estimada em 210 mil hectares, cresceu 10,4% em relação à safra anterior, e há indícios de continuar aumentando nas próximas safras, pois o preço, em âmbito de produtor, vem se mantendo interessante, e a cultura vem surgindo, em algumas regiões, como a primeira opção, não sendo cultivada apenas na rotação com a cana-de-açúcar. Além disso, há um mercado internacional consolidado.

O amendoim, que foi semeado em setembro e início de outubro, sofreu pela ausência de chuvas e pelas temperaturas elevadas. As chuvas ocorreram de forma irregular e, quando ocorriam, eram insignificantes. A exemplo, na região de Quintana, em outubro, precipitou 26 mm, em novembro, as precipitações foram de 140 mm e, em dezembro, 27 mm.

Em contrapartida, há a possibilidade das lavouras de amendoim, semeadas no final de outubro e início de novembro, apresentarem melhores produtividades, pois houve maior frequência de chuvas. Cabe lembrar, que 2% das lavouras são irrigadas.

O início da colheita está previsto para a segunda quinzena de fevereiro e perdurar até março.

Minas Gerais: o amendoim é cultivado em rotação de cultura nas áreas de cana-de-açúcar, e tem como destinação a comercialização com empresas de São Paulo ou diretamente para exportação, principalmente para a China ou, ainda, esmagadas em planta de produção de óleo em Iturama.

As lavouras seguem em desenvolvimento, e apresentam melhoras com o retorno das chuvas, um pouco mais regulares, e redução das temperaturas diurnas.

Ceará: o amendoim em sequeiro de segunda safra, com o início do período chuvoso em janeiro, teve o plantio iniciado, e a previsão é que seja concluído em fevereiro. As lavouras se encontram em emergência, e as condições são boas.

QUADRO 8 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica			
	Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva
		Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	 Média Restrição - Excesso de Chuva
		Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Amendoim primeira safra - Safra 2023/2024						
			OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
SP	Araçatuba	3,59	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Araraquara	6,25	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Assis	4,33	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Bauru	11,72	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Marília	24,03	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Presidente Prudente	16,70	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Ribeirão Preto	15,50	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	São José do Rio Preto	10,99	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2022)/Conab.

GIRASSOL

Rio Grande do Sul: repetindo as condições climáticas de dezembro, janeiro trouxe períodos curtos sem chuva, que permitiram a continuidade da colheita no estado. Ainda assim, a produtividade da cultura foi definida nos meses anteriores, que apresentaram chuvas volumosas, ventanias, granizo e muita nebulosidade em todas as regiões do estado e, assim, também na região produtora (Noroeste).

A semeadura aconteceu entre julho e outubro, e a colheita, que iniciou em dezembro, já chega aos 99% da área estimada. As áreas por colher estão maduras e aguardando condições propícias para a colheita. A conclusão da colheita não ocorreu devido ao excesso de chuvas e à concentração das forças de trabalho dos produtores na conclusão da semeadura da safra de soja.

Após um período de expectativas produtivas, ainda conservadoras em razão do fenômeno El Niño, até a fase de granação, o tempo chuvoso e de nebulosidade, que persistiu por todo o período de formação de capítulo, floração, enchimento de grãos e maturação, prejudicaram a cultura. Mesmo sob manejo fitossanitário mais intensivo, com aplicação de defensivos além do comumente planejado, as condições favoráveis ao aparecimento de doenças fúngicas e bacterioses incidiram em maior pressão de doenças, especialmente de alternaria, esclerotinia e doenças do capítulo.

Além dos patógenos, a cultura também amargou algumas perdas pelo excesso de chuvas e nebulosidade nos períodos de formação do capítulo, floração e enchimento de grãos, afetando os processos fisiológicos como a polinização e síntese de reserva oleica, bem como acamamento de plantas por tempestades e ventos fortes. A alta incidência de patógenos e o tempo

instável fizeram com que os produtores dessecassem e adiantassem a colheita dos grãos, colhendo algumas lavouras com 20% a 27% de umidade, trazendo maior dificuldade nos processos de recepção e armazenamento. Apesar das intempéries, o grão entregue aos beneficiadores tem boa qualidade e bom teor de óleo, com média de 37% de teor oleico.

O preço do girassol tem apresentado queda, acompanhando o preço da soja. Os grãos de girassol alto oleico, cultivados na safra 2023/24, estavam integralmente contratados, e novos contratos vêm se firmando para a próxima safra, mantendo o preço da soja e do girassol comum, e com pagamento de prêmio sobre o girassol alto oleico.

Nesta safra, a área cultivada se confirma em 2,6 mil hectares. Houve redução da área cultivada em relação à safra anterior, devido às condições de El Niño, cujo impacto negativo sobre a cultura já era esperado, e pela falta de sementes no mercado brasileiro, decorrente da absorção das sementes produzidas na Argentina pelo próprio mercado interno do país vizinho.

Distrito Federal: a estimativa é de manutenção da área da safra passada. O plantio deverá ocorrer entre fevereiro e março, de acordo com calendário agrícola.

Vale ressaltar que a produção de girassol no Distrito Federal é destinada totalmente ao comércio local, onde é vendida no varejo a criadores de animais domésticos, principalmente para alimentação de aves ornamentais.

Mato Grosso: a conjuntura não tem sido favorável para o girassol em Mato Grosso. Mesmo com a desvalorização de seu principal concorrente, o milho, o produtor não se anima a semear o girassol, e o preço pago ao produtor não é suficiente para tanto. Estima-se que apenas 8,5 mil hectares sejam

alocados à cultura, e o produtor tem preferido migrar do milho para outras culturas, como o algodão, o feijão-caupi e até mesmo o gergelim.

GERGELIM

Pará: o cultivo do gergelim no estado dependerá do espaço deixado pela primeira janela de plantio, que ainda não foi concluída no principal polo dessa cultura, que é Paragominas, no sudeste do estado.

MAMONA

Bahia: espera-se o aumento da área cultivada, com a redução do cultivo de sequeiro e ampliação do cultivo irrigado. A alta produtividade obtida pelos cultivos irrigados tem estimulado os investimentos e a expansão da cultura.

A redução da produtividade deve-se ao atraso do plantio das lavouras de primeiro ciclo devido ao estresse hídrico (sequeiro e irrigado), às lavouras de segundo ciclo de sequeiro, que estavam em estado de estresse, atrasando o desenvolvimento do segundo ano de produção, e às lavouras irrigadas, que apresentaram problemas de frutificação devido à elevada temperatura e à baixa umidade do ar, fenômenos observados em novembro e dezembro de 2023.

As chuvas ocorridas durante janeiro criaram boas condições para as lavouras de sequeiro, com a recuperação das áreas submetidas ao quadro de estresse hídrico, plantio das novas lavouras e pleno desenvolvimento das lavouras irrigadas.

As lavouras irrigadas de primeiro e segundo ciclo seguem com bom desenvolvimento, encontrando-se em todas as fases do ciclo fenológico, desde o plantio até a colheita. As chuvas ocorridas e a redução da temperatura geram condições para o florescimento e frutificação.

O plantio segue em ritmo acelerado, tanto os campos de sequeiro quanto o irrigado. As lavouras de sequeiro de segundo ciclo seguem em fase de recuperação fisiológica, com a emissão de novas brotações. Devido ao atraso das chuvas e o risco para as culturas de feijão e milho, há o crescimento da área de mamona em substituição a lavouras de milho e feijão.

SORGO

Bahia: espera-se o crescimento do cultivo em relação à safra passada por conta da expansão agrícola e da redução do cultivo do milho, oportunizando o fim da estação chuvosa num cultivo de baixo custo.

Com chuvas ocorridas durante janeiro, o plantio foi iniciado e deve se prolongar até meados de março. As lavouras apresentam bom desenvolvimento, sendo cultivado por pequenos, médios e grandes produtores. O sorgo segue como alternativa à cultura do milho nos quadros de restrição hídrica, seja como medida de enfrentamento à seca ou como cultivo de segundo ciclo.

A produção é destinada à alimentação animal, seja para as pequenas criações ou para o setor granjeiro.

O cultivo é realizado com sementes híbridas e sementes salvas da safra anterior, não havendo acesso a crédito rural e nem a seguro agrícola, o custeio é realizado com recursos próprios.

Distrito Federal: estima-se que a área cultivada seja semelhante à área semeada na safra passada. A produtividade deverá se manter dentro da média, levando em consideração que a espécie não sofre maiores perdas quando submetida ao estresse hídrico.

O plantio deve ocorrer a partir de março, esteando-se até o final de abril. O cultivo do sorgo na região se torna uma alternativa para o produtor que tem a colheita da soja retardada, perdendo a janela ideal de plantio do milho segunda safra ou procura uma cultura de baixo investimento. Por se tratar de uma gramínea, proporciona, ainda, a rotação de cultura com a soja, objetivando reduzir a incidência de pragas e doenças.

Goiás: os plantios devem iniciar entre o final de fevereiro e a primeira quinzena de março.

Maranhão: o cultivo de sorgo, em segunda safra, após a colheita da soja, ocorre principalmente na região sul do estado. Na presente safra, o plantio deve ocorrer em março.

Mato Grosso: o quadro de encurtamento da janela de plantio para o milho, na segunda safra, com conseqüente elevação dos riscos climáticos associados a essa cultura, tem movimentado a procura por culturas alternativas e proporcionado elevação nas projeções de área de culturas como gergelim, algodão e sorgo. Este representa uma opção bastante interessante no sentido de que apresenta maior resistência ao clima seco, característica que deve se sobressair em 2024, dado os atrasos nos ciclos que têm ocorrido. O sorgo também exerce papel parecido ao do milho na alimentação animal. Nesse contexto, sua área projetada já ultrapassa os 100 mil hectares, marca não registrada há muitos anos no estado

Pará: o sorgo, assim como o gergelim, também é cultivado em segunda safra,

semeado no fim do ciclo da soja ou até mesmo ao final da janela ideal de plantio do milho segunda safra. O polo Paragominas cultiva uma boa parte da área de sorgo do estado, seguido de regiões mais ao sul, como Santa Maria das Barreiras e Santana do Araguaia.

Piauí: por se tratar de cultura mais rústica que o milho e, conseqüentemente, mais resistente ao deficit hídrico, o sorgo tem apresentado uma área de cultivo crescente no estado. Nesta safra, onde as condições climáticas não são favoráveis e deve impactar ainda mais a segunda safra de milho, a perspectiva é que se confirme novamente um aumento de área para esta cultura.

QUADRO 9 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- SORGO

Legenda - Condição hídrica										
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas							
	Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas							
	Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas							
UF	Mesorregiões	Produção* %	Sorgo - Safra 2023/2024							
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PA	Sudeste Paraense	1,99		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	2,89		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense	2,61		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	3,66	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	6,05		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MS	Leste de Mato Grosso do Sul	1,97		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	2,14		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MT	Sudeste Mato-grossense	1,33		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense	2,84		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Centro Goiano	1,26		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
GO	Leste Goiano	5,27		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sul Goiano	28,34		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas	4,09		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	17,52		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	M/C

SP	Araçatuba	2,89	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Bauru	1,42	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
PR	Itapetininga	2,87	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Norte Central Paranaense	1,35	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2022)/Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de verão, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

Com a colheita das culturas de inverno da safra 2023 encerrada, a Conab passa a estimar a safra 2024, que deverá ser semeada a partir de abril.

Assim, as primeiras estimativas são baseadas em modelos estatísticos, traduzindo em produtividades, que comumente acontecem em condições climáticas projetadas para o ciclo atual da cultura.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de inverno, [clique aqui](#).



MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO E
AGRICULTURA FAMILIAR

